

Rabi Yossef Yitschak Schneersohn

6º Rebe na dinastia Chabad-Lubavitch – o Rebe Anterior

O homem que rompeu a cortina de ferro



***Narrativa detalhada da luta heróica do Rebe Anterior
para a preservação do judaísmo na Rússia***

Por Rabino Dr. Alter Ben-Tsiyon Metzger

© Editora Chabad

Beit Chabad do Brasil – www.chabad.org.br



RABI Y.Y. SCHNEERSOHN:

O homem que rompeu a cortina de ferro

O PRESSÁGIO

No período posterior à revolução russa, a comunidade judaica religiosa foi tomada de enorme temor. Cruelmente perseguida pelo governo e, em particular pela Yevseksia (a seção judaica do partido comunista) numerosos rabinos e educadores se abstiveram de participar de tarefas comunitárias, dominados pelo medo das privações econômicas, encarceramento e até morte.

Somente uma pequena minoria se dispôs a assumir a perigosa função de liderança nesse vazio espiritual. Na vanguarda de tais esforços encontrava-se o Lubavitcher *Rebe* Anterior, Rabi Yossef Yitschac Schneersohn, de abençoada memória. Em 1920 criou-se uma organização denominada “*Vaad*” - “Comitê” - dirigida pelo Lubavitcher *Rebe*. Algumas das atividades do “*Vaad*” eram:

1) Organização de uma junta de assessoramento jurídico. Mediante seus esforços, nume-

rosas tentativas de impedir práticas religiosas foram afastadas. Em muitas cidades, as sinagogas haviam sido transformadas em locais de reuniões dos trabalhadores; graças à intervenção do comitê de juristas do “*Vaad*”, muitas delas voltaram a seu uso original.

2) Na cidade de Homel, o cemitério judaico havia sido desapropriado e em seu lugar foi construído um estábulo. Já tinham sido retirados duzentos ataúdes. Os coveiros estavam chegando à tumba do renomado *chassid* de Chabad, *Reb* Aizic Ebstein, conhecido como “*Reb* Aizic Homler”, mas graças à intervenção do comitê de juristas, o próprio Trotsky enviou um telegrama proibindo tais atividades.

3) Em sua luta contra a proibição legal do ensino religioso, o “*Vaad*” empreendeu uma intensa campanha em todo o país, advogando licença para difundir o ensino religioso. Apesar da forte

repressão religiosa, quando muitos pais ortodoxos temiam que seus nomes fossem conhecidos, esse esforço culminou em uma aparente concessão: seria permitido o ensino religioso com a significativa restrição de que “nenhum professor poderia ter mais do que três alunos”.

4) O “*Vaad*” financiou a educação de cinco mil crianças, se bem que “precisou repelir outras dezesseis mil por falta de fundos”.

A Yevseksia, fanaticamente anti-religiosa, começou a perceber essa crescente resistência. Contase que o notório funcionário da Yevseksia, Litvacov, queixou-se a um companheiro de dois incidentes diretamente vinculados aos esforços do Lubavitcher *Rebe*. Um dos casos era o de um jovem que viajava pela Geórgia, na Rússia, em muitas zonas nas quais as sinagogas, escolas religiosas e *micvaot* haviam sido totalmente eliminadas, e pronunciava discursos alentadores perante as comunidades sobre a lealdade à fé judaica. O jovem também lia várias passagens da legislação russa nas quais afirmava-se que era

permitida a observância religiosa. Suas palavras tiveram profunda repercussão e suscitaram um ressurgimento das práticas religiosas em muitas cidades e aldeias. Em um dos lugares os funcionários locais confundiram-no com um emissário do governo e entregaram os fundos comunitários para a reconstrução do *micvê*.

Da mesma forma, houve

...HOUE CASOS EM ZONAS REMOTAS NOS QUAIS O CONSELHO ESTABELECIDO PELA YEVSEKTSIA FOI DEPOSTO E OBRIGADO A AFASTAR-SE DAS ALDEIAS POR JOVENS QUE AFIRMAVAM TER O DIREITO JURÍDICO DE PRATICAR A FÉ JUDAICA

casos em zonas remotas nos quais o conselho estabelecido pela Yevseksia foi deposto e obrigado a afastar-se das aldeias por jovens que afirmavam ter o direito jurídico de praticar a fé judaica.

Litvacov concluiu dizendo: “Após intensas investigações, descobrimos que o Lubavitcher *Rebe* foi a causa desencadeante de todas essas ativida-

des, e que seus agentes participaram de todos esses incidentes.” Apesar dos protestos de seu companheiro de que todas essas atividades eram legais, Litvacov afirmou: “Estamos plenamente a par de suas ações” e concluiu irritado: “Nós o arrancaremos de suas raízes! Já começamos a reunir as provas necessárias para levar a cabo essa tarefa.”

Esse evento ocorreu duas

semanas antes de *Purim*. Apesar de informado, o *Rebe* continuou desenvolvendo esforços que incluíram até a condenação pública de seus duros adversários, segundo descreve o seguinte relato da reunião de *Purim* de 5697 (1927) narrado por um *chassid*, Rabino E. C. Althaus:

Aquele foi um *Purim* único, totalmente distinto dos outros. O *Rebe* (Rabi Yossef Yitschac Schneersohn, de abençoada memória) falou abertamente, com firmeza e intensidade. Soluçando, o rosto enrubicado pela emoção, sua voz denotava um tom de ira jamais demonstrado. Fomos testemunhas de uma autêntica “efusão da alma”.

No decorrer da noite, durante o banquete de *Purim*, o *Rebe* se pôs de pé abruptamente, arrancou a roupa que vestia para mostrar seu coração, e golpeou violentamente o peito despido com o punho. Chamou-me pelo nome para que me aproximasse, e apressei-me em fazê-lo. Logo disse: “No ano passado pedi que você escrevesse com veemência, mas você não me deu ouvidos, e por isso ocorreram tantos sofrimentos durante todo o ano. Agora, ordeno que escreva a todas as cidades e aldeias as seguintes palavras: ‘Tínhamos um *Rebe* e ele

deixou seu filho para nos guiar e este ordenou que escrevamos em seu nome que todo aquele que entregar seus filhos à escola da Yevseksia (escolas judaicas dirigidas pela fanática seção judaica do partido comunista) será duramente castigado pelo Céu.’ Você escreverá? Note bem o que lhe digo!”

O *Rebe* repetiu essas palavras algumas vezes, enquanto golpeava seu coração. Voltou a chamar-me e, com o rosto radiante e um valoroso sorriso, afirmou: “Não tenha pena ao ver o corpo consumido. Preocupe-se unicamente em proteger a cabeça.”

Os *chassidim* estavam extremamente atemorizados pelo aberto desafio do *Rebe* à Yevseksia. Um dos mais velhos, incapaz de se conter, exclamou: “*Rebe*, não aguentamos escutar tais palavras. Necessitamos um *Rebe* de carne e osso”. O *Rebe* respondeu: “Devemos desafiá-los ao modo de Nicolai.”

Essas palavras nos deixaram perplexos, e não fomos capazes de entender a estranha frase. O *Rebe* percebeu nossa confusão e explicou: “Quando jovem, Nicolai I foi enviado por seu pai, o Czar Paulo, para dirigir manobras, visando provar sua capacidade de soldado. Em sua adoles-

cência, já havia recebido treinamento militar e desenvolveu-se de forma destacada nestes jogos bélicos, em todos os aspectos quanto ao uso das armas e estratégias. Após a feliz conclusão das manobras e estimulado pelo sucesso, Nicolai selou com seu anel um decreto no qual outorgava generosos donativos aos oficiais e soldados que haviam participado dos exercícios a seu lado. Ele tomou esta decisão sem previamente consultar seu pai nem tampouco o tesoureiro real.

Quando o czar inteiro sentiu-se orgulhoso pelos talentos militares de seu filho, mas enfureceu-se diante do gasto exorbitante, muito além da capacidade pressuposta de sua tesouraria. Ordenou a Nicolai que se apresentasse ao palácio e expressou sua satisfação pelo talento bélico que este havia demonstrado durante as manobras. Não obstante, como castigo por sua ousadia em designar fundos sem antes consultá-lo, o príncipe foi banido da capital por dois anos inteiros.”

Quando o *Rebe* concluiu, sentimo-nos ainda mais tomados pela apreensão e temor.

Era-nos duplamente difícil escutar tais coisas: primeiramente em razão dos terríveis acontecimentos que predizia, e também por termos plena consciência de que havia espiões entre nós. Mas o *Rebe* encarou-os diretamente, e com provocadora valentia exclamou: “*Yimach shemam* - que seus nomes sejam obliterados da face da Terra! Sei que estão aqui; não tenho medo.”

Olhamos para os intrusos que nos eram conhecidos, e seus rostos ruborizaram-se, o que aumentou mais ainda nossa preocupação pelo bem-estar do *Rebe*. Incapaz de reprimir-me, e temendo pela sua segurança, recorri à mãe do *Rebe*, a *Rebetsin* Shterna Sara, para pedir-lhe que exercesse

influência sobre seu filho. Entrei em seu quarto e contei tudo o que havia acontecido. Ela correu ao salão e os *chassidim* sentiram-se aliviados ao vê-la, pois compreenderam qual era seu propósito e rapidamente abriram caminho para que pudesse aproximar-se do filho.

Antes que ela falasse, o *Rebe* voltou-se a ela e com respeitosa deferência suplicou: “Mãe, por favor, retorne a seu quarto. Recite *Tehilim* e chore quando dirigir-se a D-us, pois isto

LOGO OCORREU O TEMIDO ACONTECIMENTO E O LUBAVITCHER REBE FOI DETIDO POR CAUSA DE SUAS ATIVIDADES

ajudará.” Ao pronunciar estas palavras, lágrimas correram por sua face e a *Rebetsin* também começou a chorar. Permaneceram assim, de pé, chorando, juntos um frente ao outro, em silêncio, sem nada pronunciar. Esta cena comoveu profundamente os *chassidim*, e lágrimas jorravam de muitos olhos. Após esses terríveis momentos, o *Rebe* disse: “Não faço nada por minha própria vontade; tudo foi me transmitido por meu pai.”

O desafio aberto implícito na história de Nicolai, e o confronto direto com os agentes, despertaram grande preocupação; os *chassidim* estavam perturbados. Viam o futuro com imensa apreensão. Também sentiam-se aflitos ao ouvir as observações dirigidas pelo *Rebe* ao *chassid* chamado Zalman



A DETENÇÃO

A data: terça-feira, 14 de *Sivan*, 5687 (14 de junho de 1927). A hora: já passava da meia noite, logo após o *Rebe* ter concluído suas audiências particulares conhecidas como “*Yechidut*”. O *Rebe* tinha o costume de concedê-las três vezes por semana: aos domingos, terças e quintas-feiras. As entrevistas realizavam-se entre 19h e 22h, apesar de que em

sobre o cuidado que devia ter em proteger as crianças das falsidades do sistema educativo da *Yevseksia*.

“Zalman” - disse o *Rebe* - “se fizessem uma grande fogueira e o pusessem diante da opção de entregar seus filhos a estas escolas ou lançar-se às chamas, sabe o que deveria fazer? Lançar-se ao fogo para impedir que seus filhos fossem entregues às essas escolas!”

O *Rebe* falou desse modo vibrante toda a noite até desmaiar. Foi retirado da sala e voltou a si após alguns esforços. Aguardamos seu retorno para recitar a Bênção de Graças após a Refeição...

Logo ocorreu o temido acontecimento e o Lubavitcher Rebe foi detido por causa de suas atividades.

geral prolongavam-se uma ou duas horas mais, especialmente nos meses de verão, em razão dos numerosos visitantes. Essas sessões estendiam-se até 23h30.

A seguir, o *Rebe* pronunciava a oração de *Arvit* com *minyán* que se reunia em sua casa três vezes ao dia para as orações coletivas. O *Rebe* estava cansado e exausto por

causa de suas tarefas, e também profundamente preocupado por seu recente confronto com o Rabino-Mor de Leningrado, em virtude da oposição do *Rebe* quanto à reunião geral planejada pelos dirigentes comunitários daquela cidade.

Judeus anti-religiosos que tinham a maléfica intenção de enterrar o judaísmo tradicional, haviam programado essa reunião e convencido o Rabino-Mor de Leningrado que os defendesse, ficando do seu lado, tramando falsas insinuações que levaram ao conflito pessoal.

Fatigado, o *Rebe* lavou as mãos da maneira tradicional antes do jantar que compartilharia com os membros de sua família. Uns vinte minutos depois a campanha soou insistentemente. A porta se abriu e dois homens invadiram a casa exclamando:

“Somos emissários da G.P.U. (KGB)! Quem é Schneersohn? Onde está?” Enquanto diziam essas palavras, um grupo de soldados armados entrou na habitação, aguçando ordens.

Sereno e resoluto, o *Rebe* respondeu:

“Não sei qual Schneersohn vocês procuram. Quando penetram à força na casa de uma pessoa, é de se supor

que já sabem quem vive ali; portanto, essa intenção de suscitar o temor e a ansiedade é supérflua. Digam o que têm a dizer e expressem seus desejos concretamente. O administrador do edifício conhece perfeitamente a identidade de todas as pessoas que vivem nesta casa. Para que causar tamanho escândalo e essa interrupção?”

“Não estou gritando” - disse o homem que servia de porta-voz. “Este é meu modo normal de falar. Você parece ignorar totalmente os métodos dos representantes da G.P.U.! Mostre-nos seu apartamento para que possamos colocar uma sentinela de acordo com a lei e, na qualidade de chefe da família, acompanhe-nos como observador durante a busca.”

“Sim” - disse o *Rebe* - “estou plenamente a par de seus métodos e nada mais desejo saber sobre eles. Ou estão totalmente equivocados ou alguém tramou uma calúnia contra nós. Em todo caso, isto para mim não faz a menor diferença. Quanto aos emissários de sua organização, nunca os temi nem os temerei. O encarregado do edifício poderá mostrar-lhes minha casa e podem revistar tudo o que quiserem de acordo com a lei que promulgam.”

Logo o *Rebe* acrescentou serenamente: “Estou seguro de que vocês não interromperão meu jantar.”

As palavras do *Rebe*, pronunciadas calmamente e sem demonstrar qualquer emoção, tiveram uma poderosa repercussão sobre os insensíveis funcionários e por um breve instante hesitaram, enquanto encaravam-no surpresos. Na casa reinava absoluto silêncio.

Entre os intrusos encontrava-se um jovem funcionário judeu de nome Nachmanson. Era um homem alto, de óculos, que havia recebido educação judaica em sua infância e seu pai tinha viajado a Lubavitch como *chassid* do pai do *Rebe* Anterior, Rabi Shalom DovBer Schneersohn. Sua voz autoritária rompeu o silêncio quando ordenou aos homens armados que tomassem posição de guarda nas diversas portas da casa. Todo aquele que desejasse entrar seria admitido, mas estaria proibido qualquer movimento de um quarto a outro ou qualquer comunicação verbal. Ressaltou que suas instruções deviam ser seguidas estritamente. A seguir, voltou-se a

seu companheiro, um judeu de pouca estatura e cabelos escuros de nome Lulov e afirmou que deviam começar sua missão oficial. Terminou, dirigindo-se ao *Rebe* para dizer-lhe que se desejava comer tinha liberdade de fazê-lo e que não seria molestado, apesar de ter dado instruções a um guarda para que permanecesse na sala com eles.

Primeiramente dirigiram-se aos dormitórios das filhas do *Rebe*, Chaya Mússia e Sheina, e perguntaram a elas: “A que organização vocês pertencem?”

Elas responderam que eram discípulas de seu pai e politicamente não-partidárias.

“Por quê?” - perguntou irritado Nachmanson.

“Por quê?” - replicou

Sheina. “Não temos nenhuma obrigação de responder. Você nos perguntou acerca de nossas convicções políticas e respondemos. Quanto à razão de nossa posição, não temos a obrigação de responder, nem de explicar nossas preferências uma vez que seu propósito ao entrar aqui não foi investigar nossas cartas, nem nossos documentos. Somos coerentes tanto a respeito do passado como do presente.

Somos dedicadas a nosso pai e declaramos isto abertamente, independente de você aceitar ou achar ofensivo.”

Nachmanson respondeu: “Devem levar em consideração a autoridade e o poder da G.P.U. que representamos. Ela, portanto, pode obrigar mesmo a língua silenciosa a falar e a confessar aquilo que está oculto dentro do coração. Nossos interrogadores são muito hábeis. Tudo lhes é revelado voluntariamente ou de outras formas. Nada pode ficar oculto. Diante deles tudo se dissolve e até mesmo as pedras divulgam seus segredos.”

“Toda a tragédia” - respondeu uma das filhas do *Rebe* - “é que vocês pretendem conseguir tudo pela força, mediante o poder e a coação. Isso é anti-ético e repugnante, pois tem por objetivo intimidar as pessoas inteligentes e instruídas com o poder do punho e o temor de uma arma.”

O *Rebe* sentiu-se comovido diante da coragem de sua filha, mas temeu que



O Rebe estudando o sagrado livro Tanya (o texto clássico fundamental de Chabad, escrito por seu ancestral, Rabi Shneur Zalman, o fundador de Chabad-Lubavitch), logo após sua libertação em 12 de Tamuz, 1927

Nachmanson pensasse também em detê-la.

Eles permaneceram na casa durante uma hora e meia, indo de quarto em quarto e realizando uma cuidadosa vistoria, mas era evidente que esta não era a sua verdadeira intenção. A seguir, prepararam um

documento oficial e entregaram ao *Rebe* para que o assinasse. O *Rebe* examinou o documento no qual afirmavam haver realizado uma busca de conformidade com todas as regulamentações exigidas pela lei e informavam-no que seria levado como prisioneiro.

Após inteirar-se do conteúdo, o *Rebe* respondeu: “Não estou em condições de assiná-lo, já que nele afirmam que a revista fora legal, enquanto estive observando todo este procedimento com estupefação. Quanto a deter-me, é evidente que as súplicas de minha família são inúteis, mas também desejo que conheçam claramente minhas opiniões.

“Para mim é claro” - continuou dizendo o *Rebe* - “que se trata de uma entre duas possibilidades: ou aconteceu um grave erro ou fui vítima de

uma falsa acusação ou de calúnia que se esclarecerão em um ou dois dias. Todos estão perfeitamente informados de minha identidade e de minhas atividades. Não recorri a atitudes dissimuladas. Vivo em uma das maiores cidades e habito o centro da mesma. Tenho uma sinagoga e pronuncio discursos chassídicos - *Maamarim* - no *Shabat* e nas festividades judaicas; vale ressaltar que nunca me conduzi de maneira furtiva. Creio que minha detenção será acompanhada de publicidade altamente desfavorável e que seria conveniente que procedessem com precaução até que a verdade se esclareça, se o que desejam é realmente a verdade. Todavia, se seu propósito é ocultar este erro ou dissimular esta calúnia com mentiras e falsidades, estou certo que lamentarão suas ações. Façam o que bem entenderem, pois estou seguro de que não me apanharão numa rede de fraudes nem de imposturas. De qualquer forma não poderia concordar em assinar tal documento.”

Nachmanson interrompeu bruscamente suas palavras: “A G.P.U. é responsável por suas ações e não teme em absoluto as críticas. Se foi emitida a ordem de detenção, acredito que há plena autoridade para

que seja realizada. Suas palavras me surpreendem. Tenha absoluta consciência de que agora você é um prisioneiro!”

“Não compreendo” - replicou o *Rebe* - “por que você interrompeu minhas palavras sem me dar a oportunidade de concluir meu pedido.”

“O que está dizendo?!” - exclamou Nachmanson furioso. “Se deseja pedir algo, tem este direito, que não negaria a nenhum outro prisioneiro. Mas a que se devem essas falsas acusações? Não compreende sua situação? Não viemos aqui para conversar com você nem para ouvir os pedidos de suas filhas ou dos membros de sua família!”

Voltou-se para as filhas e ordenou: “Saíam daqui! Se falarem mais uma vez também vocês serão detidas”. E apontando o revólver, disse: “Falarei com este instrumento e isto silenciará suas elegantes palavras!”

Chana, a filha mais velha (casada com o Rabino Shemaryáhu Gourarie) respondeu: “Falamos na mesma linguagem empregada por toda pessoa que se porta como um ser humano em qualquer circunstância, e não no idioma daqueles que acabam de surgir do lodo, que não podem falar de forma direta e que somente são

capazes de brandir uma arma e intimidar com ameaças de encarceramento. Deixem que nosso pai permaneça aqui, pois o amamos profundamente e eu e minhas irmãs iremos de bom grado em seu lugar. Nosso pai está enfraquecido; o médico ordenou que não saísse. Traga um doutor para examiná-lo. Permita que permaneça sob custódia até que tenha alta. Afinal, vocês também são seres humanos; devem ter sentimentos e emoções e, sem dúvida, o que o mundo chama de ética e decência”. E irrompeu em soluços.

“Somente uma ilusão poderia fazer-nos crer que as súplicas e as lágrimas podem ajudar” - disse o *Rebe*, com irônica amargura. Voltando-se para sua esposa, Nechama Dina, e para as três filhas que se encontravam a seu lado, disse: “Um homem cruel e rogos são dois termos contraditórios.”

“Por que - continuou dizendo o *Rebe*, dirigindo suas palavras a Nachmanson - “não me permite concluir? Pode procurar atemorizar-me na prisão, ensinar-me, educar-me e racionalizar segundo sua

modalidade singular de comportamento adequado. Porém aqui, em minha casa, é obrigado a escutar-me. Ainda estou entre as quatro paredes do meu lar e desejo falar em sua presença, vale dizer, na presença de pessoas dignas de confiança e cujo testemunho não pode contradizer.”

“Suas palavras estão repletas de veneno” - replicou Nachmanson. “As leis do atual regime não são favoráveis a seus olhos nem são fontes de prazer para você. Ainda falaremos deste assunto. Agora, diga o que quiser na presença de testemunhas irrefutáveis” - e com um sorriso irônico no rosto acenou cinicamente a seu cúmplice

Lulov e aos demais homens da G.P.U. que se encontravam naquela sala.

“Exijo permissão para colocar *tefilin* e orar” - disse o *Rebe* - “assim como, também, que me seja enviada comida *cashier* de meu próprio lar.”

“Pode levar seus *tefilin*, livros sagrados, papel e caneta” - respondeu Nachmanson - “e asseguro-lhe sinceramente que ninguém impedirá suas orações, nem suas leituras e escritos. Regressará à sua casa hoje mesmo. Somente lhe serão

“EXIJO PERMISSÃO PARA COLOCAR TEFILIN E ORAR” - DISSE O REBE - “ASSIM COMO TAMBÉM QUE ME SEJA ENVIADA COMIDA CASHIER DE MEU PRÓPRIO LAR”

formuladas algumas perguntas no cárcere e logo terá permissão de voltar à sua casa.”

A conversa chegara ao fim e agora só restava aguardar o veículo que levaria o *Rebe* à triste e notória

prisão de Spalerna, em Lenigrado. A estimada mãe do *Rebe*, que se encontrava em seu quarto sem saber o que estava ocorrendo, entrou repentinamente.

O próprio Nachmanson, chefe do grupo de registro, havia dado ordens para que não a despertassem. Mas, pelo visto, havia pressentido intuitivamente o que se passava e levantou-se. Ao deparar com os indesejáveis visitantes, exclamou com um toque de temor na voz:

“O que significa isto? Por que vieram? Será que farão uso da força contra pessoas inocentes, contra meu filho que com abnegação procura ajudar aos demais? Não!” - exclamou em voz alta - “Não permitirei que o levem, meu querido filho. Irei em seu lugar. Levem-me!” - suplicou ao chefe - “Levem-me! Não incomodem meu filho, meu único filho, que responde pelos demais em momentos de aflição e sofrimento. Submeteriam uma



Flagrante da chegada do Rebe a Riga. À direita, o Rabino Mordechai Dubin.

pessoa de tanta integridade a uma prova tão severa? Ai de mim! A prisão! Ai de meu amado e falecido esposo! Estão levando nosso filho, Yossef Yitschac, seu único filho que se sacrifica para fazer o

bem a outros, seu único filho, aquele que cumpre suas instruções com verdadeiro espírito de sacrifícios... Vieram bandidos... aqueles que perseguem os inocentes. E com que finalidade? Santos antepassados! Desejam acabar com meu filho que é a chama de suas almas! Aconteça o que acontecer, não permitirei que o levem.”

Nachmanson voltou-se para o *Rebe* e disse: “Rogo-lhe que a acalme. Leve-a a outro aposento e tranquilize-a. Não sou responsável por seu estado emocional. Não fizemos ruído e não quisemos causar-lhe comoção. Rogo-lhe que a acalme.”

Naquele momento, o *Rebe* compreendeu que mesmo no mais profundo mal existe uma faísca do bem. Aquelas palavras não pareciam proceder dos lábios de uma pessoa dura e sanguinária. Seria possível que esse homem insensível também possuísse um coração e fosse capaz de

agir com integridade? Teria ele, também, uma ética interior intuitiva que despertava dentro dele um sentimento de misericórdia? Ou, quem sabe, compreendeu de imediato que esta mulher que estava chorando diante dele era a renomada Lubavitcher *Rebetsin* Shterna Sara, conhecida por suas obras piedosas. Talvez, por um instante, houvesse se arrependido e sido tomado de remorsos pelo fato de ter-se tomado um emissário da G.P.U.

O *Rebe*, acompanhado dos membros de sua família, dirigiu-se com sua mãe a seu quarto e lá conversaram sobre o que não puderam falar na presença de seus futuros algozes. O *Rebe* imaginava com dificuldade a causa deste fato e o responsável pelo mesmo. Podia supor diversas razões, mas aquela que lhe parecia mais verossímil era que o levavam como refém. Não podia determinar a razão específica, porém esta era sua impressão.

Sua mãe observou: “Alguém deve ter prestado informações maldosas a seu respeito.”

O *Rebe* achava difícil aceitar essa explicação e reiterou que se o levavam como refém era por alguma causa desconhecida.

“O que devemos fazer?” - perguntou seu genro, Rabino

Gourarie.

O *Rebe* respondeu: “Em primeiro lugar, enviem emissários aos túmulos de meu pai e de meus antepassados, os *Rebes* anteriores de *Chabad*, para informar-lhes sobre a situação em que me encontro. Também peço a todos os meus seguidores que recitem *Tehilim* durante os primeiros dias.”

Surpresos, os membros de sua família repetiram as palavras “durante os primeiros dias” e perguntaram-lhe o que previa. O *Rebe* respondeu que isso se saberia com a ajuda de D-us. Advertiu-os para que não se agitassem, uma vez que rapidamente correria a notícia entre todos seus seguidores.

O *Rebe* continuou dizendo que os *chassidim* não deveriam desviar-se de nenhuma atividade que haviam se proposto a realizar. Contudo, os membros de sua família deveriam estabelecer contatos confidenciais a fim de interceder a seu favor, embora em primeiro plano, o *Rebe* tenha expressado sua preocupação para que fosse mantida toda a rede de atividades educacionais. Ademais, a tarefa de angariar fundos seria tremendamente difícil, pois todos aqueles que participavam do trabalho de obter dinheiro,

estariam profundamente consternados e atemorizados com a sua prisão.

“Portanto, transmitam minhas instruções pessoais no sentido de que, apesar da enorme dívida atual, devem procurar obter mais dinheiro mediante empréstimos, e enviar de imediato a ajuda necessária a cada grupo educacional. Todos devem assumir a responsabilidade de dirigir esta atividade até que D-us me faça voltar. Estou certo de que armaram uma complicada rede destinada a apanhar-me, acusando-me de diversos e severos delitos. Procuraram atribuir-me assuntos sobre os quais sou totalmente inocente e que são completamente alheios a meus esforços em prol do fortalecimento da *Torá* e do judaísmo. Mas posso assegurar que estou incumbido de difundir a *Torá* e suas *mitsvot*. Vou assumir toda esta responsabilidade e não acusarei a ninguém, D-us não o permita. Se prenderem alguma outra pessoa e lhe disserem que isso foi resultado de denúncia minha, previno-os desde já de que se tratará de uma mentira. Não existe poder neste mundo que me obrigue a modificar minha decisão neste sentido.

“Também parece-me evidente de que essa detenção

foi cuidadosamente planejada, pois jamais teriam tomado uma medida tão importante sem a suficiente preparação. Creio vislumbrar no rosto de Nachmanson uma intenção clara a respeito desta atitude. Com toda certeza pretende causar um grande dano ao povo judeu em geral através de minha prisão. Todavia tenho profunda fé que o D-us de nossos santos antepassados me libertará de suas mãos e retornarei; e prosseguirei com meus atuais esforços.

Suplico-lhes que obedeçam fielmente às minhas palavras e não cedam ao desespero. D-us nos ajudará.”

A seguir, advertiu-os, aconselhando que retirassem toda a correspondência que havia na casa e distribuíssem os documentos em diversos locais seguros.

Ainda antes que o *Rebe* terminasse de falar entrou Lulov e disse que o veículo que conduziria o *Rebe* aguardava e que era preciso apressar-se.

“As condições atuais deste país determinam com segurança que ninguém chegue tarde” - respondeu o *Rebe*. “Mesmo aqueles que hoje se ocupam do encarceramento de outros podem ter a certeza de que também a eles chegará seu momento. Não é necessário apressar-se, já que isso não

afetará significativamente o futuro curso dos acontecimentos.”

O *Rebe* pegou uma sacola contendo numerosos artigos religiosos e pessoais e entregou-a a um dos guardas armados para que a levasse. Mas Lulov adiantou-se e arrancou-a das mãos do soldado, dizendo: “Dê-me esta bolsa. Os *chassidim* continuam sendo *chassidim*; meu avô carregou os pertences de seu avô (Rabi Shmuel, o quarto Lubavitcher *Rebe*) e eu carregarei os seus.”

O *Rebe* retirou a bolsa das mãos de Lulov e replicou: “Seu avô era um *chassid*, um discípulo de meu avô. Como tal, tinha o privilégio de levar os pertences até o local que meu avô

escolhesse, enquanto você deseja carregar a sacola, D-us não o permita, a um destino contrário à minha vontade. Não posso aceitar!” Em seguida devolveu-a ao guarda, beijou a *mezuzá* e saiu, seguido pelos soldados armados.

Descendo as escadas ouviu as vozes dos membros de sua família que pediam permissão para acompanhá-lo até o veículo; o *Rebe*, então, voltou-se e viu um guarda impedindo-lhes a passagem com seu corpo. Dirigiu-se a Lulov,

inquirindo qual a autoridade para tal ação. Seu tom seguro obteve o efeito desejado, fazendo com que Lulov cancelasse a ordem e permitisse que todo o grupo acompanhasse o *Rebe*.

Eram as únicas pessoas no pátio; ninguém mais estava presente. Nachmanson procurou impedir que os parentes saíssem à rua, e com um amargo humor, afirmou:

“Podem despedir-se aqui, de acordo com todos os rituais de

etiqueta da alta classe aristocrática.” Ao que o *Rebe* retrucou: “É coerente que um funcionário de categoria superior tão preocupado com as boas maneiras, precise de um documento assinado para comprovar que

sua visita e seu registro estão de acordo com a lei, quando impede que familiares acompanhem um ente querido?”

Apesar de enfurecido, Nachmanson cedeu ao pedido, mas afirmou, indignado: “Aparentemente, você ainda não se adaptou à situação atual. É um prisioneiro e, conseqüentemente, precisa obedecer à ordem de um funcionário autorizado.”

“Quem é o funcionário” - perguntou o *Rebe* - “e qual é a ordem? Você pode ver clara-

“CUIDEM-SE E SEJAM FORTES” - DISSE O REBE À FAMÍLIA. “D-US NOS AJUDARÁ PARA QUE POSSAMOS VOLTAR A NOS REUNIR COM SAÚDE”



Dois anos após sua libertação, o Rebe visitou os Estados Unidos para obter apoio e fundos em benefício dos judeus russos. Na foto vê-se seu genro mais velho, Rabino Shemaryáhu Gourarie (à esq. do Rebe) e outros proeminentes líderes rabínicos na cidade de Detroit, em abril de 1930.

mente que, apesar de todos os seus esforços, não tenho medo! Por favor, ceda ao pedido deles.”

Nachmanson se afastou e o *Rebe* saiu à rua, juntamente com todos os membros de sua família. O veículo aguardava, rodeado de soldados armados. Dentro havia um prisioneiro, evidentemente uma pessoa de prestígio, aparentando uns quarenta anos e de aspecto estrangeiro com roupas de viajante; seu rosto estava lívido e tão branco como a neve, seus olhos refletiam profunda perplexidade e sua expressão era de intensa ansiedade e temor. Um guarda armado o vigiava.

Ao sair para a rua, o olhar do *Rebe* recaiu sobre o grande relógio dependurado na vitrina da relojoaria defronte sua casa. Mentalmente observou que já haviam decorrido duas horas e vinte minutos

desde a meia-noite. No transcurso deste período que havia durado a verificação, esta tinha-lhe causado dor, ansiedade e angústia - tudo isso graças a falsas acusações, em razão de seu árduo e incansável trabalho em prol do fortalecimento do judaísmo, da *Torá* e suas *mitsvot*.

Permaneceram juntos durante uns poucos momentos e logo, com a ajuda de um dos soldados, o *Rebe* entrou no veículo e assentou-se no lugar indicado. À sua frente sentou-se Lulov com uma arma na mão, para vigiá-lo.

“Cuidem-se e sejam fortes” - disse o *Rebe* à família. “D-us nos ajudará para que possamos voltar a nos reunir com saúde.”

Neste momento, o veículo pôs-se em movimento e empreendeu sua trajetória rumo à tristemente lúgubre prisão de Spalerna.

A prisão de Spalerna era um mundo estranho e irreal. O Lubavitcher Rebe estava perfeitamente convicto de que era o resultado da intenção consciente de desmoralizar to-

talmente uma pessoa para que esta cedesse à vontade de seus captores. A própria arquitetura do cárcere de Spalerna oprimia os prisioneiros pela sua solidez e o sen-

tido que neles inspirava o encarceramento e controle absoluto. Sentinelas armados guardavam vigilância constante. Os dirigentes da prisão eram sádicos insensíveis, sentiam-se facilmente provocados e eram brutais em sua ira. Entre os mais educados administradores e funcionários do cárcere, as atividades variavam desde a formalidade impessoal até a bru-



A GREVE DE FOME PELOS TEFILIN

Na quarta-feira 15 de *Sivan* (15 de junho), às seis da manhã, o *Rebe* foi conduzido à sua cela, a de número 160, na sexta divisão da prisão de Spalerna. Após uma noite de severas torturas físicas e psicológicas, de sofrimento e de sinistras ameaças, o espírito do *Rebe* permanecia sereno e inquebrantável. Mostrou-se firme e constante em reiterar seu único desejo: “*Tefilin!* Exijo meus *tefilin!*”

Em sua cela que, na realidade, estava prevista para apenas um prisioneiro, havia outros três: dois judeus e um russo. Estes receberam o *Rebe* com grande respeito e se encostaram um junto ao outro a fim de deixar-lhe mais espaço.

O vigia aproximou-se da cela, abriu a janelinha e anunciou: “Cento e trinta prisioneiros foram fuzilados no sótão.”

tal crueldade aberta. Além do mais, as severas normas da prisão sufocavam os prisioneiros mediante uma rigidez compulsiva. Existia um deliberado propósito de transmitir a noção de que a vida dos presos pendia por um fio. Neste mundo surrealista o Rebe abraçou a necessidade de ter firmeza e enérgica coragem para assegurar qualquer esperança de sobrevivência.

Era impossível saber se esta afirmação era verdadeira, mas tais pronunciamentos suscitavam invariavelmente enorme temor entre os prisioneiros. Em geral, a conduta das autoridades da prisão tinha por objetivo provocar profunda ansiedade entre os detentos, de qualquer modo possível.

Um deles pediu água ao guarda e recebeu uma brusca resposta: “Que necessidade você tem de engordar seu corpo? Faça o que fizer; será fuzilado em um futuro próximo.” Palavras desta natureza podiam debilitar o espírito da pessoa mais heróica.

O *Rebe*, no entanto, parecia alheio a tudo o que ocorria, e pediu para ver um representante da administração da cadeia. Após alguns minutos apareceu um dos funcionários de categoria superior.

“O que deseja?” - perguntou-lhe o funcionário.

“Quero meus *tefilin*” - respondeu o *Rebe*. “E também peço atendimento médico. Fui severamente golpeado e estou ferido; necessito de atendimento médico.”

O funcionário respondeu que um médico só estaria disponível na próxima segunda-feira. Portanto, o *Rebe* deveria aguardar seis dias, apesar da dor, das equimoses e das feridas abertas, até poder receber a visita de um médico.

“E onde estão meus *tefilin*?” - insistiu o *Rebe*.

Esqueça-se de suas preocupações imaginárias. Nesta prisão você não irá recebê-los” - foi a resposta. “Neste

caso” - retrucou o *Rebe* “vou iniciar uma greve de fome. Não comerei nem beberei. Os prisioneiros que estão nesta cela serão testemunhas do meu jejum até receber meus *tefilin*.”

O funcionário saiu da cela e o *Rebe* levantou-se para rezar em voz alta e entoar a sensível melodia chassídica de uma prece ao estilo de *Chabad*. Estava de pé, sem *Talit* nem *Tefilin*, no escuro cárcere de Spalerna, e entoava uma antiga

melodia de *Chabad*. Os dois judeus e o russo escutavam a prece e a melodia em silenciosa atenção.

Ao concluir sua oração, o *Rebe* sentou-se e pronunciou um discurso chassídico de *Torá (Maamar)* aos prisioneiros judeus; seus olhos, obscuridos diante do terror da morte, logo se iluminaram com o esplendor da *Torá*.

O não-judeu também prestava atenção. Era um homem simples, iletrado, quase primitivo e, quando o *Rebe* concluiu, ele exclamou de repente:

“VOU INICIAR
UMA GREVE DE
FOME. NÃO
COMEREI NEM
BEBEREI. OS
PRISIONEIRO
S QUE ESTÃO
NESTA CELA
SERÃO
TESTEMUNHAS
DE MEU JEJUM
ATÉ RECEBER
MEUS TEFILIN”

“Encontrava-me em isolamento penal!” Depois continuou dizendo: “Era meu primeiro dia de prisão e eu desconhecia as normas.

Naquele momento era o único ocupante da cela e, quando me ordenaram que fosse dormir, como não estava realmente cansado, neguei-me a fazê-lo. Sentei-me e fumei um cigarro. O guarda me observou pelo visor e ordenou ameaçadoramente que me deitasse. Neguei-me a fazê-lo, usando termos insultantes. Não havia terminado meu cigarro quando repentinamente a porta abriu-se e o guarda mandou que o seguisse.

Obedeci e descemos escadas e mais escadas até chegar ao corredor do porão do edifício. O carcereiro abriu uma porta e ordenou que entrasse. Entrei pensando que ele viria atrás de mim, mas imediatamente senti que fechava a porta da cela.

“Dei mais um passo e me encontrei num sujo e mal cheiroso calabouço. O fedor era sufocante. Acendi um fósforo e pude ver que as paredes transpiravam e por elas deslizavam todo tipo de criaturas: brancas, negras, longas e grandes - todas elas de aspecto pavoroso. O lodo chegava até meus calcanhares e tive de permanecer de pé na cela durante toda a noite. De vez em quando tinha que espantar os imensos roedores que me atacavam dando guinchos horríveis, assustadores.

“Parecia-me que já havia transcorrido um dia inteiro. Comida? Uma pessoa não tem o menor desejo de comer nesse lugar, nem sequer de fumar; perde-se qualquer vontade nessa cela pavorosa. Escutei a porta se abrindo e pensei: agora vieram buscar-me para me fuzilar. Ouvi um assobio e a ordem cortante: ‘Venha aqui.’ Repliquei: ‘Não vejo nada. Como posso ir?’ O funcionário acendeu a luz e o que vi foi aterrador. ‘Saia’ - gritou o funcionário, e imedia-

tamente saí de lá. ‘Suba as escadas’ - foi a ordem seguinte e pensei: ‘Graças a D-us não morrerei fuzilado.’

“ ‘Agora’ - disse o funcionário - ‘você saberá como falar com alguém que exerce um cargo público! É proibido dirigir-se em termos insultantes às autoridades da prisão. Você é um prisioneiro e eu sou a autoridade. Você vai para a cela dormir!’ ‘Sim, Sua Excelência, dormirei’. Esbofeteou-me várias vezes, sem que pudesse compreender a razão. ‘Que tipo de “Excelência” sou para você?’ - perguntou-me, nervosamente. ‘Você, homem vil, escravo dos russos brancos, espião; eu o deixarei no porão por três dias seguidos, não somente as três horas que o prendi ali’.

“Comecei a chorar e implorar: ‘Você é meu pai, honrado senhor, meu amo e dono, e o obedecerei’. Golpeou-me rapidamente três vezes seguidas. Os socos eram muito dolorosos; meus dentes tremiam e o sangue borbulhava do meu nariz. Controlei-me e procurei me manter respeitosa-mente de pé como correspondia fazê-lo perante uma pessoa de elevado nível. Ainda recordava a tradição de disciplina do exército. Sou um homem valente! Durante quatro anos prestei serviços ao meu czar.

Lutei na guerra entre os russos e os japoneses. Vi generais e conheço a importância da ordem e da obediência. A disciplina é fundamental. Não como os jovens atuais, tão pobremente treinados, que cantam e não fazem mais do que resmungar 'direita-esquerda' agindo como títeres perplexos.

" 'Que tipo de amo sou para você?' - perguntou o funcionário. 'Deve chamar-me "camarada". Já não há tiranos nem amos; agora somos todos camaradas.'

" 'Muito bem, assim será, camarada' - respondi; 'já não me dirigirei a você daquele modo'. Voltou a acertar-me

duros golpes e perguntou: 'Que tipo de "camarada" sou eu para você? Esta não é a forma adequada de se dirigir a um oficial. Você deve recordar permanentemente que é um prisioneiro e que eu sou seu oficial. Deve chamar-me "camarada-oficial".'

"Débil e quebrado, apressei-me em seguir adiante. Queria dormir, queria fumar. Doiam-me os dentes e sentia uma profunda dor nas costelas. Enquanto caminhava tinha um só pensamento: a frase 'camarada-oficial'. Não devia jamais esquecê-la se não quisesse sofrer mais vezes castigos

intoleráveis. 'Que agradável seria' - pensei - 'voltar a dormir no catre da minha cela...' "

No decorrer do interrogatório ao qual o *Rebe* foi submetido em Spalerna, ameaçaram-no inúmeras vezes com o isolamento penal. O relato do prisioneiro russo havia causado uma profunda impressão no *Rebe*, mas ele procurou obter forças, impondo-se a tarefa de redigir um discurso chassídico de *Torá (Maamar)*. Tinha uma caneta, mas precisava de papel; utilizou-se de embalagens de cigarros para escrever. O *Rebe* usou mais de cem, sobre cujos invólucros escreveu seus pensamentos e impressões de

Torá.

De repente a porta se abriu e, dando um salto selvagem, o guarda dirigiu-se furiosamente contra o *Rebe*, acertando-lhe uma infinidade de golpes enquanto o insultava brutalmente em russo.

"Que tipo de trabalho particular está fazendo aqui? É proibido ter uma caneta na cela". Arrebatou-a com força da mão do *Rebe*, e sem deixar de injuriá-lo, saiu da cela.

Cada vez que se distribuía a comida entre os prisioneiros, o *Rebe* negava-se a aceitá-la, e afirmava que continuaria sua greve de fome até que lhe restituíssem os *tefilin*. Transcor-

reram dois dias, a quarta e a quinta-feiras, e na quinta à noite o *Rebe* foi conduzido ao



O PRIMEIRO INTERROGATÓRIO

O primeiro interrogatório ocorreu na quinta-feira, às vinte e duas horas.

O *Rebe* já cumpria dois dias de jejum total em sinal de protesto por haverem detido seus *tefilin*. Enfermo, dolorido, fraco e debilitado pela violência física que sofreu e mais ainda pelo jejum que praticava, foi conduzido ao interrogatório.

Havia três pessoas presentes: dois russos e o judeu Lulov, de vinte e três anos de idade. O chefe dos interrogadores era um russo com o nome de Dachtriov.

O *Rebe* foi conduzido a uma imensa sala. As paredes eram de mármore com enormes canos embutidos. Estes eram os célebres "muros com ouvidos", porque através deles a conversa entre o interrogador e o prisioneiro podia ser escutada pelos agentes da G.P.U. que a transcreviam em salas vizinhas.

Quando o *Rebe* entrou, voltou-se aos interrogadores e observou: "É a primeira vez que entro em uma sala sem

seu primeiro interrogatório, que durou várias horas. Espancado e debilitado retornou a cela.

que ninguém se ponha de pé!"

"Sabe onde se encontra?" - perguntaram-lhe seus interrogadores.

"Sem dúvida" - respondeu o *Rebe* - "tenho plena consciência de que me encontro em um lugar onde não é obrigatório ter uma *mezuzá*. Há, vários lugares dessa natureza que não requerem uma *mezuzá*; por exemplo, um estábulo ou um banheiro..."

Os interrogadores e, em particular, o judeu, Lulov, trataram o *Rebe* de maneira rude e depreciativa. Zombaram e escarneceram nervosamente dele.

"Basta de zombarias" - disse-lhes o *Rebe*. "E devolvam o que me pertence. Vocês não têm o direito de acusar-me."

"Silêncio!" - exclamou Lulov, irado. Estendeu sua mão e disse: "Vê este braço que está à sua frente? Desde os meus catorze anos foi dedicado à sagrada tarefa de aniquilar àqueles que se assemelham a você e que se opõem ao progresso. Destruí-

remos a todos, Você pede *talit* e *tefilin*? Nós os jogaremos no lixo!”

O *Rebe* golpeou a mesa com o punho e exclamou: “Vil criatura!”

Seus rostos assumiram então um ar sombrio e o funcionário de categoria superior começou a ler diversas acusações, e a enumerá-las detalhadamente:

- O prisioneiro é acusado de fomentar as forças reacionárias na U.R.S.S.;
- É acusado de ser contra-revolucionário;
- Os judeus da U.R.S.S. consideram-no sua mais alta autoridade religiosa e exerce considerável influência sobre eles;
- Exerce também influência sobre os judeus soviéticos intelectuais, assim como sobre a burguesia dos EUA;
- É o chefe daqueles que se rebelam contra o progresso;
- Temos plena consciência de que sua influência se alastra sobre toda a Rússia através de sua rede educacional, assim como mediante outras instituições religiosas;
- Mantém correspondência assídua com países estrangeiros e recebe milhares de cartas de todas as partes do mundo;
- Tem estabelecido comunicações secretas por intermédio

de mensageiros que viajam a outros países, visando o fortalecimento da religião na Rússia com vistas de suscitar, assim, conflitos contra o governo soviético.

Ao terminar, o funcionário pôs sobre a mesa um grande maço de cartas e disse: “Este pacote revela sua face verdadeira. Estas cartas têm um estranho conteúdo e suspeitosamente místico. Quais são seus vínculos contra-revolucionários com o Professor Bartichenco?”

O *Rebe*, sem se sentir atemorizado nem confuso, respondeu: “Não negarei que os judeus me consideram um líder, mas não sou culpável de nenhum delito. Não imponho nem afirmo minha autoridade sobre ninguém e jamais a empreguei de modo algum contra a União Soviética.

“A acusação no sentido de que domino e imponho minha autoridade sobre os judeus é totalmente incorreta. A coação e a força são realmente estranhas às tradições da *Chassidut*. O significado de liderança, na perspectiva chassídica, é procurar atingir a perfeição ética e a espiritualidade elevada, a fim de que os demais possam aprender a imitá-las e seguir as mesmas trilhas. Isto não pode ser conseguido através da força ou do poder,

mas apenas através de uma vontade virtuosa e livre. Os *Chassidim* aprendem, por vontade própria, de seu *Rebe* e dirigente.

“Minha responsabilidade é a de ocupar-me em permitir que todo aquele que deseja permanecer fiel ao judaísmo consiga este objetivo. Não obrigo nem imponho de modo algum. Tudo isso se exerce por vontade própria e em circunstâncias de plena liberdade. Que crime há nisso?”

No curso de sua defesa, o *Rebe* se estendeu sobre a natureza da *Chassidut*; os interrogadores russos pediram a Lulov que lhes explicasse.

O ciclo da história se repete.

Cento e trinta anos antes, seu antepassado, o *Alter Rebe* (Rabi Shneur Zalman de Liadi) tivera que esclarecer o conceito de *Chassidut* perante o Czar Paulo. Oitenta e sete anos antes, o *Tsêmach Tsêdec* (Rabi Menachem Mendel, terceiro lubavitcher *Rebe*) virou-se obrigado a explicar a *Chassidut* aos oficiais do Czar Nicolai. E agora, seu descendente devia expor os pensamentos de *Chassidut* diante dos membros da G.P.U.

O *Rebe* continuou dizendo: “Nunca arrecadei impostos de ninguém. Afirmo que os

judeus são obrigados a estudar *Torá*. E quando cumprem este preceito, automaticamente criam escolas para as crianças e *Yeshivot* para os jovens. Não existe proibição alguma, segundo a lei soviética, contra os *chadarim* - escolas hebraicas primárias tradicionais - nem contra as *yeshivot*. Carlinco, o fiscal-chefe-do-Estado da União Soviética declarou explicitamente: ‘Jamais se promulgou uma lei oficial na União Soviética contra as instituições de ensino religioso.’ Em vista disso, a quem deve-se obedecer: a Carlinco ou a Lulov?

“Nenhum de meus esforços e declarações públicas” - continuou dizendo o *Rebe* - “visam desafiar a lei soviética. Se minhas palavras em relação ao estudo de *Torá* suscitam uma dedicada reação, e se nossos correligionários dos Estados Unidos que enviam dinheiro para ajudar a seus parentes destinam modestas somas para o estudo de *Torá* e para as necessidades educacionais dos filhos de seus parentes, isto não representa uma ameaça à União Soviética. Ao contrário; deste modo, entra ajuda do exterior e fortalece-se a economia!

“No que se refere à correspondência mencionada, o professor Bartichenco havia

empreendido estudos sobre o misticismo judaico. Opinava que de algum modo o símbolo do *Maguên David* expressava profundos conceitos cabalísticos, e que o domínio desses conhecimentos poderia constituir fonte de grande poder.

“Há quatro anos, em *Sucot* de 5684 (1924), Bartichenco dirigiu-se a mim por me considerar uma autoridade na *Cabalá*, e pediu-me que lhe revelasse o significado esotérico do *Maguên David*. Procurei convencê-lo de que havia sido objeto de uma ilusão, uma vez que em *Chassidut* não há nada que permita supor que o *Maguên David* possua grandes poderes inerentes. Apesar disso, o professor insistiu em enviar-me numerosas cartas, suplicando-me que lhe revelasse o significado oculto do *Maguên David*. Esta é a explicação cabal de minha correspondência com o professor Bartichenco.

“Escute-me, Lulov” - disse o *Rebe* com enfado - “querem me fazer objeto de uma nova acusação ao estilo do processo Beilis. Você se lembra quando o Czar Nicolai contratou professores e eruditos a fim de urdir uma falsa história de ritos sangüinários contra os judeus, e foi desprestigiado? Você também se verá frustrado

em suas intenções. Estou a par dos métodos inescrupulosos que você e seus cúmplices empregam, quando desejam encarcerar um professor judeu: colocam contrabando ou uísque ilegal entre seus bens, a fim de poder prendê-lo e enviá-lo a zonas desertas. Vocês se propõem também a desonrar-me mediante acusações fictícias e falsas que, de fato, não têm nenhum fundamento? Querem que eu seja objeto de mesquinhas falsidades? Não o conseguirão, porque as acusações são totalmente infundadas.

“Minhas palavras e minhas ações foram sempre abertas e claras. Faz três anos, em 5684 (1924), escrevi uma carta a todos os judeus dos Estados Unidos, exortando-os energicamente a apoiar o estabelecimento agrícola judaico na União Soviética. Vocês me prendem por considerarem-me inimigo dos judeus e do Estado. Isso é totalmente errôneo. Apesar de estarmos divididos por grandes discrepâncias, apóio todo esforço criativo. Minha carta aos Estados Unidos respalda esta afirmação.

“Não me façam objeto de falsas acusações. Não atuo de maneira encoberta, mas sim de forma aberta e diante dos olhos de todos. Não

exerço atividades contra a lei soviética.”

“É verdade” - observou o russo Dichtriov, que presidia o comitê de interrogação. “Estamos plenamente cientes de sua atitude positiva com relação ao estabelecimento agrícola, assim como de sua carta aos Estados Unidos, e tomamos nota dessas ações com reconhecimento.”

Fazendo pouco caso desse diálogo, Lulov prosseguiu seu interrogatório ainda de forma rude e ofensiva. Quando o *Rebe* voltou a pedir seus *tefilin*, Lulov não respondeu, mas voltou a utilizar termos ofensivos, apoiado por seus colegas.

“Retire seu *talit catan* imediatamente! Retire-o! Abandone essa sua tola observância!”

“Se me obrigarem” - respondeu o *Rebe* - “a retirar meu *talit catan*, negar-me-ei a responder suas perguntas. E se vocês propõem consegui-lo através do uso dos punhos e das armas, eu os desafio a fazê-lo!”

Esta resposta aplacou as tentativas nesse sentido.

Naquele instante entrou Nachmanson e, ao ver o *Rebe*, rompeu em estrondosas gargalhadas e disse: “Lulov, sabe que meus pais não podiam ter filhos e somente depois que meu pai foi visitar

o *Rebe* de Lubavitch, nasceu-lhes um filho? Esse filho sou eu, de pé na (à) sua frente.” As paredes estremeçeram com as risadas ruidosas e vulgares dos funcionários ao ouvirem a anedota.

Nesse momento, o *Rebe* perguntou se podia relatar uma história e, sem sequer aguardar permissão para fazê-lo, começou: “Certa vez um estudioso ateu foi ver o *Tsêmach Tsêdec...*”

Nachmanson interrompeu para dizer: “Provavelmente uma pessoa como eu, que não crê.”

“Não” - respondeu o *Rebe* “tratava-se de uma pessoa versada em conhecimentos judaicos enquanto você é um simples ignorante...”

“...Esta pessoa” - prosseguiu o *Rebe* sua narração - “perguntou por que na *Meguilá* de Ester, a palavra ‘*yehudim*’ (judeus) escreve-se com a letra *yud* repetida, tratando-se do recado que Mordechai enviou à Ester através de um mensageiro, no qual lhe informava acerca do terrível decreto sobre a sorte dos judeus do império persa, enquanto no versículo posterior, no qual se descreve a salvação dos judeus (“Para os judeus havia luz...”), a palavra *yehudim* se escreve somente com uma letra *yud*.

“O *Tsêmach Tsêdec* respon-

deu: 'A repetição da letra *yud* corresponde às duas tendências: a virtuosa

e a má. Tanto nas dependências más como nas virtuosas existem as dez (valor numérico da letra *yud*) qualidades da alma. Há dois tipos de judeus: os judeus nos

quais predomina a tendência virtuosa e os que por certo tempo sucumbiram à influência da tendência negativa. O decreto de Haman não estava dirigido exclusivamente contra os judeus tementes a D-us, os que seguiam a tendência virtuosa; Haman desejava destruir também os que não eram religiosos, os quais agiram de acordo com a má tendência. Eles também estavam incluídos em seu decreto.'

"O visitante então perguntou: 'Num versículo posterior ("Os judeus de Shushan reuniram-se") voltamos a encontrar a ortografia com a letra *yud* repetida.' O *Tsêmach Tsêdec* replicou: 'Isso é porque os judeus de Shushan, ao encontrarem-se no centro de tudo o que ocorria, percebe-

ram o milagre de *Purim* e sentiram-se profundamente

comovidos; tanto, que mesmo os judeus não praticantes retornaram ao caminho da *Torá* e do judaísmo.' O *Tsêmach Tsêdec* concluiu do seguinte modo: 'O mesmo ocorre-

rá com você; quando sofrer de uma grande enfermidade, você também mudará.' Sucedeu que pouco depois este homem contraiu uma febre que durou três meses. Abalado por seu sofrimento, o descrente se arrependeu e retornou ao judaísmo."

O *Rebe* concluiu sua narrativa e acrescentou: "Quando você sofrer, também mudará."

O interrogatório terminou muito tarde naquela noite; ao finalizar, Lulov, que era gago, exclamou raivosamente: "M-m-mas dentro de 24 horas você será fuzilado." Não se tratava de uma mera ameaça; a situação realmente era muito grave. Um destacado comunista que participou de uma tentativa de libertar o *Rebe* fez uma observação na sexta-feira daquela semana, a uma das

filhas do *Rebe*: "Reze para que seu pai continue vivo."

O *Rebe* regressou do interrogatório angustiado, com uma dor agonizante. Continuou com sua greve de fome até sexta-feira à tarde, quando lhe foram devolvidos os *tefilin* e seus livros sagrados.

Um membro judeu da G.P.U. os trouxe. O *Rebe* lhe disse: "Não comerei a comida da prisão, a não ser unicamente aquela que me seja trazida de casa. Quanto à água, mais tarde a tomarei, mesmo sendo a da prisão, mas unicamente sob a condição de que seja aquecida em uma vasilha empregada somente para água."

O funcionário da G.P.U. respondeu enfurecido: "Você se propõe a dar uma supervisão de *cashrut* na cozinha da prisão?"

O *Rebe* respondeu: "Não sou um rabino encarregado de supervisão de *cashrut*!" - e imediatamente colocou os *tefilin*.

A primeira refeição de *Shabat* do *Rebe* na prisão consistiu de uma *chalá* e água fria da torneira. Recitou o *kidush* e pronunciou a bênção do pão em voz alta, entoando uma melodia especial

de Chabad.

A mudança de atitude por parte do vigia manifestou-se de várias formas. Por exemplo: não havia relógio na cela e, por isso, o *Rebe* não sabia, com exatidão, a hora em que devia pronunciar as orações noturnas (*Arvit*) que só podiam ser iniciadas, nos dias mais compridos do verão, aproximadamente às vinte e três horas. O *Rebe* pediu ao guarda que a essa hora batesse à porta, a fim de indicar que já chegara o momento da reza, no qual foi atendido prontamente.

Ao término do primeiro *Shabat*, o carcereiro deu ao *Rebe* dois fósforos para que pudesse pronunciar a bênção de *havdalá* - cerimônia que marca o encerramento do *Shabat* - diante da chama. Em seguida, o *Rebe* recitou a oração tradicional para o fim do *Shabat*: "*Veyiten lechá...*"

("Que D-us te conceda...") com profundo júbilo interior.

Um enorme esforço mundial destinado a obter a libertação do Lubavitcher *Rebe*

havia começado a produzir frutos. Tal atividade viu-se inicialmente coroada

CERTA VEZ UM ESTUDIOSO ATEU FOI VER O TSÊMACH TSÊDEC..." NACHMANSON INTERROMPEU PARA DIZER: "PROVAVELMENTE UMA PESSOA COMO EU, QUE NÃO CRÊ." "NÃO" - RESPONDEU O REBE - "TRATAVA-SE DE UMA PESSOA VERSADA EM CONHECIMENTOS JUDAICOS; E VOCÊ É UM SIMPLES IGNORANTE..."

AO TÉRMINO DO PRIMEIRO SHABAT, O CARCEREIRO DEU AO REBE DOIS FÓSFOROS PARA QUE PUDESSE PRONUNCIAR A BÊNÇÃO DE HAVDALÁ DIANTE DA CHAMA - CERIMÔNIA QUE MARCA O ENCERRAMENTO DO SHABAT

com certa dose de êxito, pelo fato de que a sentença de morte prevista foi reduzida a uma pena de dez anos de



O Rebe assumiu a postura firme de não se deixar intimidar por seus captores. Certa vez, ao negar-se a responder uma pergunta, foi submetido ao isolamento penal por 24 horas. O chão do calabouço estava repleto de lama. Pelo chão e paredes deslizavam ratazanas e outros parasitas, vermes e insetos imundos. Contudo, em absoluto não modificou sua determinação. Não cedeu ao temor, nem considerou que seus algozes exerciam qualquer poder sobre ele. Com o passar do tempo, começou a ocorrer uma sutil mudança. O primeiro indício foi a melhora das condições na própria prisão.



O EXÍLIO EM COSTROMA

Na tarde de domingo, 3 de *Tamuz* de 5687 (1927), após dezenove dias de prisão em Spalerna, Rabi Yossef Yitschac Schneersohn, de abençoada memória, foi chamado ao escritório da prisão e informaram-no que lhe haviam concedido permissão para regressar à sua casa, onde poderia permanecer somente durante seis horas. Nessa mesma noite, às vinte horas, deveria tomar um trem rumo a Costroma, sobre o Rio Volga, uma remota cidade do interior da Rússia, onde permaneceria exilado durante um período de três anos. O *Rebe* deveria estar na estação antes

trabalhos forçados que no final também se reduziu a um decreto de exílio por três anos na distante cidade de Costroma.

Pouco depois o guarda da cela lhe trouxe três chalot - pães sabáticos inteiros para as refeições do Shabat - enviados especialmente de sua casa. Tratava-se de um fato pouco comum. Em circunstâncias normais, o pão ou qualquer outro alimento que se trazia para um prisioneiro era cortado em pequenos pedaços como medida de precaução contra a introdução na prisão de objetos proibidos. Entretanto, o Rebe recebeu as chalot inteiras; este fato representava uma política de condescendência para com ele. A partir desse momento, o guarda mostrou uma atitude muito mais reverente.

das vinte horas, e se perdesse esse trem, passaria a noite na prisão.

Em uma de suas cartas (19 de *Iyar* de 5688, 9 de maio de 1928), o *Rebe* relata o seguinte:

Antes de regressar à casa, um funcionário da G.P.U. me advertiu:

- Somente poderá permanecer em sua residência seis horas e antes das vinte horas, deverá sair da cidade;
- Se chegar tarde, mesmo que seja uns poucos minutos, deverá regressar à prisão;
- Às vinte horas em ponto tomará um trem rumo à cidade de exílio, Costroma;
- No caso de chegar tarde à

estação, deverá regressar à prisão e, em caso de não fazê-lo por seus próprios meios, será levado à força;

e) Deverá viajar diretamente a Costroma sem deter-se em nenhum ponto do trajeto. Sua chegada ali está prevista para amanhã à noite (segunda-feira, 4 de *Tamuz*);

f) Na terça-feira de manhã deverá apresentar-se ao chefe da G.P.U. na cidade de Costroma. Ficarà sob sua custódia durante um período de três anos, até o dia 15 de junho de 1930.

g) Deverá assinar esse documento, no qual se indica que em 4 de julho de 1927 deverá apresentar-se diante da G.P.U. da cidade de Costroma.

O *Rebe* chegou em casa num momento em que sua família temia que nunca mais voltasse a vê-lo, e entrou em seu quarto para fazer uma oração em agradecimento a D-us por haver-lhe salvado a vida. A prece chegou a ser ouvida pelos *chassidim* que estavam fora. Relatarem quão profundamente comovidos se sentiram, e que até um coração de pedra teria se derretido ao escutar esta comovente oração a D-us.

Todos os recintos da casa rapidamente ficaram repletos de adeptos, tanto que era pratica-

mente impossível mover-se. Às dezenove horas o *Rebe* começou a preparar-se para sair.

A família despediu-se dele. Acompanharam-no em sua viagem a Costroma sua filha, Chaya Mússia (A *Rebetsin* - esposa do atual *Rebe*), assim como o *chassid*, *Reb* Elye Chayim Althaus, de abençoada memória, fiel confidente do *Rebe*.

Um numeroso grupo de pessoas havia se reunido na estação. Muitos desejavam comprar passagens para poder acompanhar o *Rebe* no trem pelo menos durante parte do trajeto, mas a G.P.U. havia proibido a venda de passagens para este trem.

O *Rebe* chegou à estação cercado por uma rígida vigilância: três membros da Polícia Secreta (“Tcheca”), a Polícia Civil, soldados e funcionários do Departamento de Investigação Civil.

Já na estação, antes de subir no trem, o *Rebe* voltou-se à multidão ali reunida e pronunciou estas inspiradoras palavras, irradiante de luminosa santidade, da eternidade do povo de Israel.

“Elevemos nossos lábios em preces a D-us: *Yehi Hashem Elokênu imánu caasher hayá im avotênu, al yaazvênu veal yitshênu.*”

“Esta oração pode ser interpretada como um pedido:

‘Que D-us esteja junto a nós assim como esteve junto a nossos antepassados e que não nos deixe nem nos abandone.’ Mas também pode ser interpretada como uma enérgica afirmação e bênção no sentido de ‘que D-us estará junto a nós para nos prestar apoio e ajuda, assim como protegeu nossos antepassados’, mesmo que nosso mérito não seja comparável ao deles, que tiveram de suportar auto-sacrifícios em prol da *Torá* e das *mitsvot*. Nas palavras de um dos meus venerados antepassados em resposta a um decreto governamental relativo ao rabinato: ‘Não saímos da Terra de Israel por vontade própria, nem retornaremos à ela por nossas próprias capacidades. D-us, nosso Pai e Rei, nos exilou de nossa Terra e enviou-nos para a Diáspora. Ele, bendito seja, nos redimirá, reunirá os dispersos dos quatro cantos da Terra e nos conduzirá de volta, com firmeza e orgulho, por intermédio de Mashiach, nosso justo Redentor. E que isto suceda brevemente, em nossos dias. Não obstante, todas as nações do mundo devem ficar cientes do seguinte fato: somente nossos corpos foram enviados

para o exílio e subjugados por nações estrangeiras; porém nossas almas não foram entregues ao cativo e ao domínio alheio. Somos obrigados a proclamar abertamente e perante todos, que toda questão que afete a religião judaica, *Torá*, *mitsvot* e costumes judaicos, não está sujeita à coerção. Ninguém pode nos impor sua crença, nem obrigarnos a conduzirmo-nos de modo contrário à nossa fé.

Nossa solene e sagrada tarefa é excluir e afirmar com plena convicção, antiga, resoluta e sagrada e com a imutabilidade do povo judeu, assim como com a profunda coragem espiritual judaica, derivada do heróico auto-sacrifício

de nossos antepassados nos últimos milhares de anos: “Não tocais em Meu unguento, nem procurais fazer mal aos Meus profetas” (*Tehilim* 105:15).’

“As palavras que acabo de citar foram pronunciadas por um ativo e corajoso líder chassídico. Não possuímos a ínfima coragem e firmeza autêntica para protestar perante o mundo todo, a fim de que sejam anulados os atos perversos de algumas centenas de jovens judeus, ignorantes e malvados, que conspiram

contra o judaísmo e a fé do nosso povo.

“Sabe-se que a lei nos permite estudar *Torá* e cumprir *mitsvot*, e unicamente por causa dos esforços de falsos delatores que tramam acusações totalmente incorretas, os judeus religiosos são levados às prisões e aos campos de trabalhos forçados.

“Esta é a nossa súplica a D-us: ‘Não nos esqueça nem nos abandone.’ Que D-us nos dê forças adequadas para que não vacilemos nem cedamos ante o sofrimento físico. Ao contrário, que Ele nos permita aceitar esta dor com júbilo. Cada medida de angústia que nos é infligida por apoiar a rede educacional de *chadarim* para a aprendizagem de *Torá* e o cumprimento de *mitsvot*, deve aumentar nosso vigor no fortalecimento do judaísmo.

“Devemos recordar que a prisão e os trabalhos forçados pertencem somente a este mundo físico e são de breve duração, enquanto a *Torá*, as *mitsvot* e o povo de Israel são eternos, “*Shalom!* Que D-us lhes dê paz. Cuidem-se bem, física e espiritualmente. Espero e rogo a D-us que esses sofrimentos temporários evoquem e inspirem em nós, com a ajuda de D-us, forças renovadoras em vista do fortalecimento do judaísmo



O Rebe fotografado na sua cabine do navio S.S. Grottingholm, na chegada ao porto de Nova York na terça-feira, 9 de Adar II, 5700 (19 de março de 1940)

eterno. E que se concretize conosco o versículo: ‘Que D-us esteja junto a nós, assim como esteve junto aos nossos antepassados, e que não nos deixe nem nos abandone’ e que haja luz nos lares de todo o povo judeu.”

O trem começou a mover-se. Após um breve trajeto deteve-se; logo pôs-se novamente em movimento e viajou sem parar durante as 24 horas seguintes até chegar a Costroma. Um *chassid* de Lubavitch já havia preparado alojamento para o *Rebe* na casa do *shochét* (abatador ritual) da cidade.

O trem chegou tarde da noite. Segundo as instruções recebidas, o *Rebe* devia apresentar-se às autoridades locais assim que chegasse. Contudo, decidiu aguardar até o dia seguinte para fazê-lo. Na

terça-feira, 5 de *Tamuz*, apresentou-se diante das autoridades da

G.P.U. de Costroma. O administrador da "Tcheca" local (policia secreta) recebeu o *Rebe* de forma sombria e antagonica.

Após preencher os diversos formulários, o funcionário anunciou: "Você é um prisioneiro no exílio. É um delinqüente a quem se castiga pelos delitos cometidos contra o governo soviético, e ordenamos que permaneça nesta cidade. Não poderá sair dos limites dela sem autorização especial. Se desejar mudar de alojamento, deve informar à G.P.U. com antecedência. E pode estar seguro de que a policia estará

a par de todos seus movimentos e de tudo o que ocorrer em sua casa.

Também tem a obrigação de apresentar-se semanalmente ao funcionário correspondente da G.P.U."

Costroma era uma cidade grande, onde poucos judeus habitavam,

apenas uma centena deles, simples e iletrados. Havia uma única sinagoga, e o *Rebe* dirigiu-se para lá a fim de rezar. Na hora em que fazia suas orações ficava repleta de judeus, muitos deles que não transpunham o umbral de uma sinagoga há muitos anos. Também iam ver e escutar as devotadas preces do *Rebe*. Costroma, a remota cidade do exílio, de repente ganhou um *Rebe!*

"SABE-SE QUE A LEI NOS PERMITE ESTUDAR TORÁ E CUMPRIR MITSVOT; E, UNICAMENTE POR CAUSA DOS ESFORÇOS DE FALSOS DELATORES QUE TRAMAM ACUSAÇÕES TOTALMENTE INCORRETAS, OS JUDEUS RELIGIOSOS SÃO LEVADOS ÀS PRISÕES E AOS CAMPOS DE TRABALHOS FORÇADOS..."



A LIBERTACÃO FINAL

O grupo de Leningrado, dedicado ao objetivo de resgatar o *Rebe*, decidiu continuar desenvolvendo esforços até conseguir sua liberdade total. Resolveu-se apelar ao fiscal-general-chefe soviético, Carlinco, a fim de obter cle-

mência para o *Rebe*. O grupo achava que os esforços da destacada e influente Madame Peshcova, somados às intensas pressões políticas de outros países, exerceriam grande influência nesta questão. Decidiu-se que Rabino Shemaryáhu

Gourarie, genro do *Rebe*, viajaria a Moscou e discutiria sobre o caso com o grupo de resgate ali estabelecido.

Na reunião do grupo em Moscou chegou-se à conclusão de que antes de reunirem-se com Madame Peshcova e de apelar ao fiscal-general-chefe, era conveniente examinar que possibilidades de êxito teria tal iniciativa. Em resposta a essas indagações, foram aconselhados que aguardassem uns seis meses antes de prosseguir com tais esforços, uma vez que a G.P.U. resistiria energeticamente a qualquer propósito de obter plena anistia depois de haver perdido tanto prestígio em relação a essa questão, até aquele momento. Seria considerado um desafio aberto, um verdadeiro acinte por parte do grupo religioso, se este apresentasse uma petição de liberdade total apenas uma semana após o *Rebe* ter sido enviado ao exílio, o que seria humilhante para a própria G.P.U.

Apesar deste conselho, o grupo decidiu continuar com suas atividades. Novamente procurou a ajuda de Madame Peshcova que, por sua vez, continuou desenvolvendo esforços nesse sentido. Um ajudante judeu de Madame Peshcova viajou a Leningrado para entrevistar-se com

Messing, chefe da G.P.U. de Leningrado, a fim de convencê-lo de que modificasse sua posição e não obstruísse os esforços em prol da obtenção da liberdade do *Rebe*.

Messing, que na realidade havia sido o responsável pela prisão do *Rebe*, negou-se a escutar. "Não há qualquer esperança de reduzir a sentença" - respondeu.

Quando lhe pediram que justificasse sua posição, respondeu que se temia uma onda de anti-semitismo. "Muitos sacerdotes e clérigos de fé cristã e islâmica" - disse ele - "foram presos e enviados ao exílio, e nenhum deles foi libertado. Se puserem o *Rebe* em liberdade, produzir-se-á um escândalo e o povo dirá que todo este assunto está sob o controle dos judeus."

Um aspecto irônico dessa posição se constituía no fato de que se sabia que Messing era um anti-semita fanático. Messing também ameaçou, dizendo que mesmo quando Moscou desse a ordem de liberdade total, ele a revogaria. E se o *Rebe* regressasse a Leningrado, ele acharia um novo pretexto para tornar a encarcerá-lo. O emissário de Madame Peshcova regressou com esta resposta negativa.

O grupo de Moscou não se deixou intimidar pela resposta

obstinada de Messing, e decidiu continuar desenvolvendo esforços até conseguir a liberdade total e incondicional do *Rebe*. Entretanto, era evidente que o retorno do *Rebe*

“TENHO ORDENS DE DEIXÁ-LO EM PLENA LIBERDADE, E CONSIDERO UM PRIVILÉGIO PESSOAL SER O PRIMEIRO A INFORMÁ-LO SOBRE SUA TOTAL ANISTIA”

a Leningrado seria perigoso, em razão do poder absoluto de Messing. Enquanto isso, Madame Peshcova prosseguiu com intensas tentativas, empenhando-se em exercer influência entre as mais altas esferas dos funcionários públicos soviéticos, e que finalmente viram-se coroadas de êxito.

Na terça-feira 12 de *Tamuz* (data que coincidiu com a de nascimento do *Rebe* em 5640, 1880), o *Rebe* apresentou-se ao quartel-general da G.P.U. acompanhado de Rabino Althaus, cumprindo sua apresentação semanal obrigatória. O funcionário local da G.P.U. cumprimentou-o cordialmente e informou-o que estava livre: “Você esta liberado totalmente da necessidade de voltar a apresentar-se. Tenho ordens de deixá-lo em plena liberdade, e considero um privilégio pessoal ser o primeiro a informá-lo sobre sua total anistia.”

Rabino Althaus se emocionou intensamente; seu rosto passou do vermelho escuro ao

branco mais pálido e voltou a tornar-se avermelhado. O *Rebe*

teve que acalmá-lo, e ajudá-lo a recompor-se.

Era um dia de feriado em Costroma e o escritório da G.P.U. estava fechado;

por isso o *Rebe* não recebeu o certificado de libertação até o dia seguinte.

A notícia da libertação do *Rebe* se propagou com a velocidade de um raio. Antes mesmo de regressar à casa do *shochê*t, a notícia já havia se espalhado. Lá chegando, o *Rebe* pôde observar um espetáculo pouco comum e comovedor: o *chassid*, *Reb* Michael Dworkin dançava ao redor da casa, enquanto segurava em uma mão uma garrafa de vinho e cantava com muito sentimento uma melodia em russo: “Nada existe além de D-us.” O pequeno filho do *shochê*t dançava dando cambalhotas pela casa e agitava os pés no ar com as mãos firmemente apoiadas no chão.

Em 14 de *Tamuz*, às nove horas, o *Rebe* deixou a cidade de Costroma como um cidadão livre e na sexta-feira, dia 16, regressou a Leningrado, acompanhado de dois emissários, especialmente escolhidos pela comunidade judaica de

Costroma. Levando em conta o perigo mencionado anteriormente estava previsto apenas uma breve estadia em Leningrado.

No mesmo dia de sua libertação, em 12 de *Tamuz*, um grande grupo de judeus reuniu-se em sua casa em Costroma e o *Rebe* pronunciou um discurso chassídico de *Torá* (*Maamar*) que começa com as palavras: “O Eterno me ajudou... (*Tehilim* 118:7).

No dia seguinte, após receber o certificado de libertação, o *Rebe* pronunciou o *Maamar* “Bendito seja Ele, que favorece com atos de bondade a quem não os merece diante de um grande número de pessoas novamente reunido na casa. Após seu regresso a Leningrado, o *Rebe* foi chamado à *Torá* (na leitura de *Parashat Pinechas*) e recitou *Bircat*

Hagomel - bênção que se pronuncia após ser salvo de situações perigosas. No *kidush* posterior ao Serviço Matinal, o *Rebe* pronunciou outro *Maamar* que

começou com o mesmo versículo dito em Costroma,

desta vez detalhando e explicando mais extensamente os conceitos expressos no primeiro discurso. Na refeição de *Shabat*, que se celebrou também como *seudat hodaá* (banquete de graças) que, segundo a Lei Judaica, deve ser comemorado quando se escapa de um perigo, o *Rebe* pronunciou outro *Maamar*: “Elevai vossas mãos em santidade” (*Tehilim* 134:2). (Estes discursos foram posteriormente impressos.)

Em uma carta relacionada com estes acontecimentos, o *Rebe* escreveu: “O grande clamor na Terra, as orações e súplicas através da recitação de *Tehilim* dia e noite em centenas de cidades, e a proclamação de dias de jejum foram ouvidos nos mais elevados Céus e D-us influenciou o coração dos juizes para

que moderassem o veredito. Durante os dez primeiros dias de minha prisão, os mais elevados níveis de governo deste país, assim como os funcionários mais destacados de países

estrangeiros, se inteiraram de minha detenção. Pelo visto,

essa influência do exterior teve considerável repercussão sobre os dirigentes deste país na adoção de sua decisão final.”

Muitos anos depois, em 12 de *Tamuz* de 5705 (1945), o *Rebe*

afirmou: “Estive preso durante dezenove dias. Nesse tipo de situação, se está sujeito à condenação de controlar os olhos, selar os ouvidos e privar-se de falar. Naquele período de minha vida, perdi totalmente o sentido de gratificação que se obtém dos objetos materiais, não apenas temporariamente, mas para sempre. Então, deixei por completo de pensar em mim.



Em 15 de *Tamuz*, o *Rebe* regressou a seu lar em Leningrado; era evidente, porém, que a G.P.U. daquela cidade não descansaria nem desistiria de seus esforços a fim de vingar-se. Muitas pessoas se dirigiram à casa do *Rebe*, mas este negou-se a conceder audiências.

Logo a seguir, foi publicado no jornal da Yevseksia um



Vista parcial do prédio (antigo palácio) no centro de Leningrado, onde o *Rebe* morou nos anos 1924 à 1927

O que podia pensar sobre mim mesmo, enquanto via-me enfrentando constantemente a fragilidade da vida? Ouvia as súplicas dos prisioneiros que rogavam pela vida, para serem fuzilados dez

minutos depois. Pensei, nessa ocasião, que a decomposição inicial de uma semente é uma necessidade preliminar para que logo possa florescer e crescer. Jamais me senti só; sempre estive consciente do fato que possuía veneráveis antepassados: meu pai, meu avô, meu bisavô, e todas as luminosas e santificadas figuras cuja coragem e mérito perdurarão eternamente.”

A SAÍDA DA RÚSSIA

severo artigo contra o *Rebe*, no qual exigia-se sua detenção e exílio mediante isolamento na região mais remota da Sibéria. Lulov, Messing e Nachmanson, os três membros da Yevseksia que haviam participado da detenção e enclausuramento do *Rebe*, empreenderam uma intensa campanha contra ele, na qual o descreviam como uma

personalidade opositora ao progresso e que, de certo modo, se encontrava fora da lei. Era necessário que o *Rebe* deixasse Leningrado; por isso mudou-se para a aldeia de Malachovca, à meia hora de Moscou.

Tudo indicava a imperiosa necessidade de que o *Rebe* saísse da Rússia. A cada momento parecia eminente o perigo da detenção. Lulov e Nachmanson estavam obcecados pelo ódio contra o *Rebe*; a única alternativa lógica parecia ser abandonar a Rússia. Como consegui-lo, suscitou uma nova série de problemas. Concederia o governo permissão para isso? Uma vez mais pediu-se à Madame Peshcova que intercedesse, e esta assegurou que faria todo o possível para ajudar o *Rebe*.

Rabino Hildesheimer e Dr. Leo Baeck de Berlim visitaram Weissman, vice-chanceler alemão que, por sua vez, falou com Carastinski, o embaixador russo em Berlim, que garantiu procurar exercer influência sobre os funcionários governamentais em Moscou. Era evidente, porém, que este esforço não bastava, em vista da situação atual, a

menos que se encontrasse alguma razão especial que justificasse a saída do *Rebe* da Rússia.

A comunidade religiosa de Frankfurt enviou um documento que anunciava a nomeação do *Rebe* como rabino daquela cidade. Dr. Oscar Cohen, membro socialista do Budenstag, revelou que contava com muitos amigos íntimos no ministério russo. Assumira a responsabilidade de levar pessoalmente o documento à

Rússia e de procurar exercer influência sobre os funcionários governamentais, a fim de que permitissem ao *Rebe* emigrar da Rússia.

É sumamente apropriado destacar a extraordinária influência de Dr. Oscar

Cohen junto aos círculos governamentais russos. Muitos anos antes, no período anterior à revolução de outubro, Lenin havia sido detido no exterior e Dr. Cohen, advogado por profissão, não medira esforços para libertá-lo. Agora, essa mesma pessoa seria o porta-voz em favor do *Rebe* perante as classes superiores das autoridades governamentais russas.

Ao mesmo tempo, o *chassid*, *Reb* Mordechai Dubin, que

FORAM
EMITIDOS
VISTOS DE
SAÍDA PARA O
REBE, SUA
FAMÍLIA E SEIS
ADEPTOS
ESTRITAMENTE
VINCULADOS A
ELE, PARA QUE
PUDESSEM
ACOMPANHÁ-LO

descanse em paz, o qual era representante do Parlamento Letão, foi também portador de outro documento no qual o *Rebe* era nomeado rabino da comunidade de Riga. Rabino Dubin também trazia consigo uma carta de recomendação do embaixador soviético da Letônia (que também era judeu). Rabino Dubin viajou à custa de grande risco pessoal porque outrora já havia sido preso durante o grande Terror Vermelho na Letônia, mas seu esforço foi propício.

Nesse ínterim, a Inglaterra cortara relações com a Rússia Soviética e a Rússia estava em negociações para assinar um tratado de amizade e comércio com a Letônia. Tratava-se de um assunto que se revestia de profundo interesse para o governo russo. Em sua qualidade de representante do Parlamento Letão, Rabino Dubin foi recebido com grande cortesia e respeito, especialmente por causa de sua influência sobre o partido agrícola da Letônia.

Dentro deste contexto, Rabino Dubin desempenhou seus esforços e foi recebido com grandes honras pelo governo russo. Ao mesmo tempo, chegou Dr. Oscar Cohen e cada um deles empenhou-se à sua maneira a fim de conseguir a emigração do

Rebe da Rússia.

Rabino Dubin dirigiu-se primeiramente ao Escritório de Relações Exteriores e iniciou negociações com Dubronitsky, um judeu polonês encarregado do departamento de relações com a Lituânia, a Letônia e a Estônia. Recebeu uma resposta negativa e informou-lhe que as perspectivas futuras com respeito a esta questão também eram sumamente desfavoráveis.

Dr. Oscar Cohen, amigo pessoal de Tchetserin, Ministro das Relações Exteriores, encetou negociações com ele e com Rubinstein, um destacado funcionário do Escritório das Relações Exteriores que também era judeu; mas a resposta foi mais uma vez negativa.

Cohen e Dubin trabalhavam de forma independente, e à primeira vista poderia parecer que na realidade competiam para conseguir a nomeação do Lubavitcher *Rebe* como rabino de sua própria comunidade religiosa.

Dr. Cohen empregou toda a energia e diligência nessa questão, mas os obstáculos eram incrivelmente difíceis de superar. Finalmente, em sua aflição, recorreu ao Rabino Dubin e disse-lhe que não estava em condições de conseguir qualquer resultado

positivo.

Rabino Dubin renovou seus esforços e, fazendo valer seu prestígio como representante do Parlamento Letão, voltou a encontrar-se com Dubronitsky, diretor da Divisão Báltica das Relações Exteriores, e insistiu em seu pedido para que se autorizasse a saída do *Rebe* da Rússia. Dubronitsky reiterou sua recusa anterior. Desta vez Dubin respondeu asperamente:

“Você deseja que meus colegas e eu o ajudemos a facilitar a negociação do pacto mercantil com meu país. Não obstante, quando nos dirigimos a você com uma simples solicitação, você nos nega. É nossa sincera aspiração que o Lubavitcher *Rebe* seja nosso dirigente espiritual. Toda a comunidade está unida neste desejo. E agora, neste exato momento um grupo compete conosco nas negociações para sua nomeação como rabino de uma comunidade alemã. Poderia muito bem ocorrer que o *Rebe* aceitasse esse pedido e obtivesse permissão para sair da Rússia. É impossível ressaltar, em toda a sua magnitude, a indignação e



Fac-símile do jornal “Detroit Free Press”, descrevendo a calorosa recepção proporcionada ao *Rebe* pelos judeus daquela cidade

o ressentimento que isso despertaria entre os judeus da Letônia. Consideram a designação do *Rebe* ao rabinato da Letônia um assunto de grande orgulho. Se virem frustrado este ideal, isso poderia muito bem levar a um fracasso total as negociações do “pacto mercantil com a Letônia!”

Dubronitsky, que também era judeu, não se deixou intimidar por este argumento e não modificou sua posição.

Nesse ínterim o embaixador russo na Letônia regressou a Moscou a fim de informar sobre o progresso das negociações relativas ao pacto mercantil. Este também particularizou que o êxito da concretização deste pacto dependia em grande escala do sentimento da população judaica e, por conseguinte, era totalmente desaconselhável provocá-la, impedindo a saída do *Rebe* da Rússia.

O embaixador da Letônia em Moscou ajudou o Rabino Dubin através da celebração de um banquete especial na Embaixada da Letônia, cujo propósito concreto era permitir que este estabelecesse contatos com altos funcionários do Escritório das Relações

Exteriores da União Soviética.

Dubronitsky finalmente concordou em dar permissão para que o *Rebe* saísse da Rússia, mas somente com a condição de que sua mãe, sua esposa,

filhas e outros membros da família permanecessem na União Soviética. Determinou também que a mobília e a biblioteca não poderiam sair do país. Assim, mediante refêns e garantias, esperava desencorajar a participação do *Rebe* em qualquer forma de atividade contra a União Soviética.

O próprio fato de que fora outorgada permissão ao *Rebe* para emigrar constituía-se por si mesmo numa enorme vitória. Porém o *Rebe* negou-se a partir, a menos que sua família o acompanhasse.

Prosseguiram os esforços em vista de sua total libertação. Madame Peshcova e Dr. Cohen empreenderam enérgicas atividades em favor do *Rebe*. Contudo, foi precisamente Rabino Dubin que, graças a sua influência nas negociações do pacto com a Letônia, exerceu a maior pressão. Suplicou, implorou e



O *Rebe* ao lado do proeminente líder Rabino Eliézer Silver de Cincinnati, de quem recebeu grande apoio nas atividades em prol do judaísmo mundial

finalmente ameaçou categoricamente aos funcionários do Departamento das Relações Exteriores: “Não contem com nossa ajuda na concretização do pacto com a Letônia”.

Os muitos e intensos esforços em favor do *Rebe* culminaram finalmente com uma reunião especial ocorrida no Escritório das Relações Exteriores da União Soviética no segundo dia de *Rosh Hashaná* de 5688 (1927), que tinha esse assunto em pauta como único objetivo. Participaram da reunião Tchetcherin, Litvinov, Rothstein, Dubronitsky e o embaixador soviético na Letônia. Com exceção de Tchetcherin, eram todos judeus: Dubronitsky e o embaixador na Letônia eram judeus poloneses e Litvinov era um judeu de Bialistoc.

Os participantes decidiram permitir que o *Rebe* saísse da Rússia com sua família. O procedimento oficial se coordenaria em Leningrado, já que o *Rebe* estava registrado ali como residente naquela cidade e seu rabino oficial. O Escritório das Relações Exteriores de Leningrado se encar-

regaria do processo relativo à emigração do *Rebe*. O chefe desta seção era um judeu de nome Zelkind, neto do famoso rabino de Dvinsk, conhecido como o “Batlan”, e seu secretário era um judeu chamado Kerenkin.

Rabino Mordechai Dubin viajou a Leningrado para acelerar os trâmites oficiais. Ao informar Zelkind de seu propósito, foi lhe respondido

que ainda não haviam recebido avisos nem instruções oficiais. Rabino Dubin solicitou a Zelkind que telefonasse para Moscou e indagasse

se tais ordens já haviam sido despachadas. Zelkind agiu assim e informaram-no que as instruções já haviam sido enviadas. Assim, descobriu-se que um funcionário de categoria inferior já as havia recebido e, por erro ou negligência não transmitira a informação.

Zelkind assinou de imediato os documentos necessários. Foram emitidos vistos de saída para o *Rebe*, sua família e seis adeptos estritamente vinculados a ele, para que pudessem

acompanhá-lo.* Também foi-lhe permitido levar sua mobília e a biblioteca. Porém a lei estipulou que o Escritório de Publicações outorgasse uma permissão especial para os livros que tirariam da Rússia. Foi enviado para realizar esta tarefa um judeu chamado Stein, versado tanto sobre o valor como o conteúdo das obras judaicas. Ao ver que se tratavam de obras raras e

manuscritos antigos, se negou incondicional e firmemente a emitir a permissão necessária, sustentando que tais objetos preciosos deveriam permanecer na Rússia. Foram

inúteis todos os esforços para convencê-lo a modificar sua posição e retirou-se da casa muito irado.

Rabino Mordechai Dubin comunicou-se com o Escritório das Publicações, informou-lhes sobre a situação e pediu que fosse enviado um outro funcionário. Aceitaram sua solicitação e desta vez mandaram um funcionário russo que, sem pestanejar, concedeu a permissão oficial necessária para que os livros pudessem

O REBE, APÓS SUA LIBERTAÇÃO, DIRIGIU-SE A RIGA, VARSÓVIA E, POR ÚLTIMO, AOS ESTADOS UNIDOS, ONDE AS SEMENTES QUE HAVIA PLANTADO DERAM FRUTOS E CONTINUAM MULTIPLICANDO-SE DE MANEIRA EXTRA-ORDINÁRIA PELA DEDICAÇÃO DE SEU GENRO E SUCESSOR, O AFAMADO LUBAVITCHER REBE ATUAL, RABI MENACHEM M. SCHNEERSON

ser despachados da Rússia. No dia seguinte à festa de Sucot de 5688 (1927), o *Rebe* partiu da Rússia, acompanhado por toda a sua família e seis discípulos de Chabad; levavam consigo toda a mobília e os livros religiosos em quatro vagões de trem. Na estação compareceu um numeroso grupo de pessoas para se despedir do *Rebe*. Ao longo do trajeto, em todas as estações do trem, milhares de judeus reuniram-se para saudá-lo. Muitos expressaram seu tributo de forma visível, acompanhando o *Rebe* uma

parte do percurso como sinal de respeito.

Quando o *Rebe* chegou em Riga, perguntaram-lhe quais eram suas impressões quanto às experiências que havia vivido recentemente e ele respondeu: “Se me oferecessem um milhão de dólares para experimentar novamente um só dos momentos de minha angústia passada, eu os recusaria. E se alguém me desse um milhão de dólares para perder agora um só momento do sofrimento passado, também os recusaria.”



**Quando o Rebe apresentou uma relação detalhada dos nomes das pessoas que o acompanhariam, anotou ao lado de cada um o parentesco. Nesta lista também incluiu o nome de seu futuro genro (o atual Rebe) e ao lado do nome escreveu “noivo”. Quando verificaram a lista e*

perceberam a palavra “noivo” perguntaram ao Rebe Anterior: “Ele também precisa acompanhá-lo? Um noivo pode se arranjar em outro local!” O Rebe respondeu: “Um noivo como este não se consegue em lugar nenhum do mundo!” E a permissão foi dada.



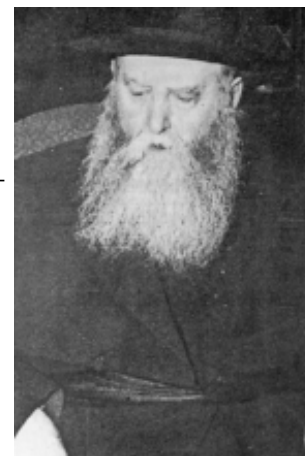
EPÍLOGO

Uma pessoa menos dedicada que o *Rebe* se contentaria com os sucessos do passado. Mas apesar dos grandes sofrimentos que o acompanharam durante o resto de sua vida devido às torturas sofridas na prisão, o *Rebe* continuou desempenhando atividades em prol do cumprimento do judaísmo. Empreendeu uma campanha

mundial destinada a exercer influência sobre o governo da União Soviética para que modificasse sua atitude e não proibisse a instrução nem a prática religiosa. Entre estes esforços, tentou exercer influência sobre as principais organizações judaicas, para que intercedessem e procurassem manter discretos contatos com os representantes diplo-

máticos da União Soviética em seus respectivos países.

A insensibilidade e ignorância que manifestaram como resposta refletem as dificuldades que tais esforços encontravam. Um importante grupo, temeroso de participar em uma atividade dessa natureza, anunciou que, como o governo permitia que cada família educasse três filhos em horários extrascolares, de forma totalmente utópica, uma vez que havia umas seiscentas mil famílias na Rússia,



A última foto do Rebe Anterior, antes de seu falecimento em 10 de Shevat, 5710 (28 de janeiro de 1950). O Rebe está sentado ao lado do candelabro de Chanucá

esta abertura jurídica “traria grandes benefícios a 1.800.000 crianças, o que provavelmente excede em medida o número total de crianças judias em idade escolar”. Pode-se especular se isto foi escrito com ingenuidade extrema, ou se trata-se de uma clara evasiva com o objetivo de não encarar um problema de tal gravidade.

Em um informe correspondente àquele período fez-se referência à opressão social e econômica que se exercia sobre quem praticava a religião judaica. Arbcor e Dorfcor,

respectivamente correspondendo à fábrica e aldeia, informavam a seus jornais comunistas sobre os acontecimentos atuais. Na realidade, tratava-se de delatores que informavam sobre as práticas religiosas: se um trabalhador judeu assistisse à cerimônia na sinagoga em *Yom Kipur* ou

Rosh Hashaná, seria denunciado no jornal como contrarrevolucionário e inimigo do povo. E esforçavam-se para que fosse demitido do emprego.

Em Moscou empreendeu-se uma intensa campanha contra o cumprimento de *Pêssach*. Expunha-se os rabinos ao ridículo, ordenava-se às crianças judias que assistissem às aulas e a todos os empregados judeus de escritórios, agências e fábricas governamentais que comparecessem ao trabalho sob pena de perderem seus empregos. Em outro local, as crianças judias foram advertidas de que se não fossem à escola em *Pêssach*, ser-lhes-iam retirados os cupons de racionamento de pão. Pais aflitos contaram como os filhos eram objeto

das formas mais cruéis de doutrinação anti-semita, e soube-se de casos em que as crianças, ao chegarem em suas casas, perguntavam aos pais se eram “exploradores” e “contra-revolucionários”. Não é de se estranhar que um ativista daquele período tenha escrito angustiadamente: “Há três milhões de judeus que vivem na Rússia aguardando ansiosamente que seus irmãos os salvem.”

O relato seguinte ilustra

de forma característica a permanente influência de Rabi Yossef Yitschac Schneersohn:

Em 12 de *Tamuz* de 5704 um grupo de judeus bucharos encontrava-se reunido em Tashkent (na Ásia Central) com o propósito de comemorar a libertação do *Rebe*. Havia entre eles um delator e, no dia seguinte, um dos participantes foi detido e interrogado sobre a natureza da reunião.

Inocentemente respondeu que se tratava do dia em que o Lubavitcher *Rebe*, Rabi Yossef Yitschac, havia sido libertado, e que a festividade fora celebrada em sua honra.

O interrogador perguntou:

“Como você sabe sobre o *Rebe*? Quem lhe falou dele? Quem exerceu influência sobre vocês para que sejam seguidores do movimento Chabad?”

Sem saber da importância de suas palavras, o homem contou que um tal de *Reb*



O *Rebe* foi confinado à cadeira de rodas nos seus últimos anos, resultado do período de encarceramento na Rússia

Simcha, especialmente enviado pelo *Rebe*, havia sido seu guia.

Reb Simcha narrou o seguinte: “Fui conduzido à prisão onde já estivera detido duas vezes sem

que me submetessem a julgamento. Também detiveram outras quinze pessoas. Teve lugar um grande julgamento público contra as dezesseis pessoas, entre as quais eu me encontrava. O promotor, ao ler o ato de acusação, assinalou que estas pessoas haviam organizado uma rebelião armada contra o governo. Enquanto falava, tirou de seu bolso uma cópia do *Tanya*, a principal obra de *Chassidut* Chabad, e um retrato do *Rebe*, e exclamou: ‘Estas são as suas armas. Estes objetos foram achados nos lares de cada um dos acusados’.”

A década de trinta caracterizou-se por uma repressão

ainda maior e, como ironia do destino, toda a Yevseksia e seus seguidores foram brutalmente castigados. A isso sucedeu-se a incrível luta e o sofrimento da Segunda Guerra Mundial. O *Rebe*, após sua libertação, dirigiu-se a Riga, Varsóvia e por

último aos Estados Unidos, onde as sementes que havia plantado deram frutos e continuando multiplicar-se de maneira extraordinária pela dedicação de seu genro e sucessor, o afamado Lubavitcher *Rebe* atual, Rabi Menachem M. Schneerson.



O Rabino Dr. Alter Ben Zion Metzger é professor de estudos judaicos em Stern College em Nova York, onde também administra um curso de Filosofia Chassídica de Chabad. O Rabino agradece a ajuda recebida das bibliotecas

Levi Yitzchak da Lubavitch Youth Organization, da Stern College-Yeshivá University e da YIVO, sem as quais seria impossível colher todos os dados utilizados no presente artigo. Agradecimento especial ao Dr. Abraham Duker por suas informações adicionais.



APÊNDICE

Em relação ao emocionante relato de valentia e heroísmo desempenhados por Rabi Yossef Yitschac Schneersohn, apresentamos a seguir uma adaptação livre do pronunciamento do atual Lubavitcher *Rebe*, Rabi Menachem M. Schneerson, de 13 de Tamuz de 5722

(Licutei Sichot, vol. IV pág. 1061)

Entre as histórias narradas pelo *‘Rebe Anterior’* sobre sua prisão e libertação, algumas se referem a seu período de confinamento. Entre elas, uma relata o seguinte episódio:

Nem bem o *Rebe* foi introduzido na prisão, tomou a firme resolução de manter a calma e não dar mostras de medo nem temor perante os

membros da G.P.U. Resolveu não considerá-los, não somente no que concernia à religião, mas ignorá-los-ia completamente. Observava-os, utilizando a linguagem do *Rebe*, como se fossem “nulos, absolutamente nada”. Esta atitude manteve-se imperturbável mesmo quando foi severamente castigado por negar-se a responder às perguntas.

Seu castigo constituiu-se em ser confinado em um calabouço cheio de lama. Nem sequer havia no que se apoiar. Além disso, pelas paredes perambulavam todos os tipos de insetos e roedores.

Nessa cela tenebrosa, o *Rebe* ficou aprisionado durante quase 24 horas. Mesmo assim, apesar desse tormento, sua firme decisão manteve-se de pé. Para ele, seus carcereiros continuaram sendo “nulos e absolutamente nada”.

Na quinta-feira, *Rosh Chô-desh Tamuz*, às 11 horas (em sua narrativa o *Rebe* observou que na prisão costumava estender-se mais em suas orações), guardas ingressaram em sua cela e ordenaram-lhe que se levantasse. Falavam em russo, mas o *Rebe* costumava responder sempre em yidish.

“Não me porei de pé” - foi a resposta categórica.

O sistema da prisão exigia que quando fosse necessário transmitir alguma informação ao prisioneiro, este deveria levantar-se para, assim, mostrar sua submissão. Levando em conta a intransigente posição do *Rebe*, torna-se fácil compreender o porquê de sua negativa.

Aparentemente um dos guardas era um judeu que sabia yidish. Ao escutarem a resposta do *Rebe*, replicaram:

“Se não acatar à ordem, nós o golpearremos!”

“*Nu* (E daí)” - foi a resposta atrevida. Eles cumpriram sua ameaça e retiraram-se.

Posteriormente, ingressou em sua cela um segundo grupo de guardas, entre os quais encontrava-se também Lulov (que havia participado de sua detenção, seu traslado à prisão de Spalerna e seu posterior interrogatório). Lulov era descendente de uma família de *chassidim* e quando dirigiu-se ao *Rebe*, começou suas palavras com a expressão “*Rebe*”.

“*Rebe!* Por que precisa irritá-los? A que se deve esse tipo de conduta para com eles? Mais ainda, eles vêm para notificá-lo de uma diminuição em sua pena. De modo que, se ordenaram-lhe que se levante, levante-se!”

O *Rebe* permaneceu impassível, e não respondeu. Lulov disse novamente: Mas vão sorrá-lo!” Ainda assim o *Rebe* mantinha-se calado. Esbofetearam-no pela segunda vez. Um dos guardas o atingiu com um soco no queixo. (A dor desse golpe lhe causou sofrimentos durante muito tempo depois.) Concluída a “missão”, eles se retiraram.

Quando se apresentou um terceiro grupo (entre eles um judeu chamado Cavalov) e

ordenaram-lhe que levantasse, o *Rebe* respondeu que não se ergueria.

Voltaram a castigá-lo severamente - o executor da tortura foi Cavalov - mas em vão. Cavalov ficou furioso e gritou: “Vamos dar-lhe uma lição!”

“Vamos ver quem ensinará a quem...” - respondeu o *Rebe*, em yidish. Pouco tempo depois, uns policiais entraram e lhe pediram que se apresentasse ao escritório da prisão. Ali informaram-no da impugnação da pena à qual Lulov havia se referido. Estava livre da prisão, mas haviam-no sentenciado a três anos de exílio na cidade de Costroma.

Quando o *Rebe* aproximou-se da mesa viu sobre ela os papéis referentes a seu caso. Percebeu que uma linha estava riscada. (Lá estava escrito que ele havia sido condenado à morte. Uma vez que o *Rebe* contou este fato enquanto estava vivo, não quis pronunciar estas palavras e disse somente que “a linha estava escrita e riscada”.) Abaixo desta havia outra com

o veredicto de que deveria ser enviado por dez anos de trabalhos forçados a Solovski. Ao lado desta frase estava escrita a palavra “*Niet!*” (“Não”). Finalmente estava a ordem: “Três anos em Costroma.”

Quando lhe comunicaram que seria enviado por três anos ao exílio, perguntaram ao *Rebe* em que trem desejava realizar a viagem. “No ‘medj-dunarodne’ (nome dos vagões destinados à classe governamental ou rica).”

“Tem com que pagar este luxuoso transporte? É um modo muito caro de viajar!”

“Se o dinheiro que está neste

escritório e que me pertence, o qual me foi tirado ao ser preso, não for suficiente, darei uma ordem a meus familiares para que paguem minha passagem.”

Os oficiais concordaram. “Às duas da tarde você será libertado da prisão. Terá seis horas para estar em companhia de seus familiares. À noite deverá abandonar a cidade e iniciar a viagem para Costroma.”

Tendo em vista que era



O *Rebe* Anterior com seu futuro genro, Rabi Menachem M. Schneerson, o atual *Rebe*

quinta-feira, o *Rebe* perguntou de imediato: “Para quando está prevista a chegada em Costroma?”

“Para o sábado.”

“Sábado? *Shabat*? Não, de forma alguma. Eu não viajo no *Shabat*.”

Quando o *Rebe* relatou este episódio, finalizou: “Graças a D-us, não viajei no *Shabat*! Permaneci na prisão até domingo - pois não me foi permitido permanecer mais tempo em casa.”

No domingo, durante o dia, estive em sua casa e à noite iniciou a viagem rumo a Costroma.

O *Rebe* acrescentou à sua narrativa que o *chassid*, Reb Michael Dworkin chegou a Costroma antes e, nesse meio tempo, reuniu um grupo de crianças judias com as quais fundou um “*chêder*” (uma escola de *Torá*) e também preocupou-se para que o *micvé* local fosse reparado e condicionado a ser usado.

Isto significa que aquelas mesmas atividades que ocasionaram a prisão e a sentença de morte do *Rebe* - e que graças a gestões e de um modo milagroso foi comutada para três anos de exílio - foram reiniciadas nem bem o *Rebe* abandonara as paredes da prisão; ainda antes que chegasse a Costroma, enviou

para lá um emissário seu para que fundasse um *chêder* e reparasse ao *micvé* para o uso público.

As histórias dos acontecimentos ocorridos com um líder do povo de Israel, ainda mais quando narradas por ele mesmo, constituem um ensinamento em nosso modo de servir a D-us:

Uma vez mostrado o exemplo e aberto o caminho pelo líder da geração, é dada a possibilidade de que quando qualquer judeu decidir com uma vontade inabalável que todo intuito de “ocultar” a alma Divina e todas as barreiras e obstáculos que obstruem a propagação do judaísmo e da *Torá* sejam nulos e nada absolutos, consegue-se então que mesmo aquele judeu que momentaneamente se encontra “do outro lado” tome consciência de que o judaísmo da *Torá* existe, a *Chassidut* existe, e existe um *tsadic* - até que ele sofra uma mudança radical em sua vida e diga com total naturalidade: “*Rebe*”.

Seguindo esta conduta, o judeu levará adiante todos seus afazeres com êxito - e se necessário for, por meio de milagres - não somente nos aspectos fundamentais, mas também naqueles que, se comparados aos essenciais, revestem-se de um mero

caráter de “secundários”. Como costumava dizer Rabi Shalom DovBer, o quinto *Rebe* de Lubavitch:

“Permanece íntegra não somente a essência, mas também a expansão.” Somente assim se adquire a liberdade espiritual - com braço erguido, i.e., altivamente.

Quanto maior pode ser - e realmente deve ser - o esforço para o êxito, se o judeu vive em uma época e lugar que lhe proporcionam a oportunidade de difundir o estudo de *Torá* e o cumprimento das *mitsvot* sem obstáculos nem impedimentos. Recebe-se ajuda para isso, e a recompensa vem também neste mundo não somente no Mundo Vindouro.



Com a firme e enérgica resolução de que a missão que nos foi designada pelo Criador deve ser cumprida, que nenhum impedimento deve ser levado em conta e que não devemos desanimar diante das dificuldades que possam surgir, o judeu pode ter a plena certeza de que “a vontade de D-us terá êxito em suas mãos” na atividade de difundir a *Torá* - revelada (*Niglê*) e oculta (*Chassidut*) e o cumprimento das *mitsvot*, até conseguir a concretização da profecia: “A Terra ficará repleta do conhecimento de D-us, tal como as águas encobrem o leito do oceano”, com a iminente chegada de Mashiach, em nossos dias.